

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Mestrado em Antropologia



Dissertação

A cidade que cresceu à sombra da usina: sobre o
habitar das famílias eletricitárias na cidade de
Candiota/RS.

Rosilene Oliveira Silva

Pelotas, 2021

Rosilene Oliveira Silva

A cidade que cresceu à sombra da Usina: sobre o habitar das famílias
eletricitárias na cidade de Candiota/RS.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia, linha de
formação: Antropologia Social e Cultural,
do Instituto de Ciências Humanas da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Antropologia.

Orientador (a): Prof^{fa}. Dr^a. Flávia Maria Silva Rieth
Coorientador (a): Prof^{fa}. Dr^a. Ana Lúcia Costa de Oliveira

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586c Silva, Rosilene Oliveira

A cidade que cresceu à sombra da usina : sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade de Candiota/RS / Rosilene Oliveira Silva ; Flávia Maria Silva Rieth, orientadora ; Ana Lúcia Costa de Oliveira, coorientadora. — Pelotas, 2021.

105 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Etnografia. 2. Cidade polinucleada. 3. Famílias eletricitárias. 4. Candiota. Usina Termelétrica. 5. Disciplinamento. I. Rieth, Flávia Maria Silva, orient. II. Oliveira, Ana Lúcia Costa de, coorient. III. Título.

CDD : 301

Rosilene Oliveira Silva

A cidade que cresceu à sombra da Usina: sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade de Candiota/RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, linha de formação: Antropologia Social e Cultural, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Flávia Maria Silva Rieth

Coorientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Costa de Oliveira

Pelotas, 2021

Rosilene Oliveira Silva

A cidade que cresceu à sombra da Usina: sobre o habitar das famílias eletricitárias
na cidade de Candiota/RS.

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:10/09/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Flávia Maria Silva Rieth (UFPel – Orientadora)

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRGS

Prof^a. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira (UFPel – Coorientadora)

Doutora em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR UFRGS

Prof. Dr. Maurício Couto Polidori (UFPel – Examinador)

Doutor em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS

Prof.^a Dra. Louise Prado Alfonso (UFPel – Examinadora)

Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

Pelotas, 2021

Esta dissertação é dedicada às famílias eletricitárias,
que ajudaram a construir a história de Candiota.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais pelo incentivo e apoio que sempre me deram, me motivando a nunca desistir dos meus sonhos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Flávia Rieth, pela orientação e dedicação, sabedoria e auxílio na realização deste trabalho.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira, pelas contribuições e por compartilhar seu conhecimento.

Aos professores/as do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) pelos conhecimentos transmitidos durante a realização das disciplinas.

Aos meus amigos/as e colegas do PPGANT, por me acompanharem e dividirem suas experiências e amizade. Em especial, Maria da Gloria Oliveira, Simone Fernandes, Claudia Goulart e Leandra Ribeiro.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e contribuição para o trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudo e apoio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, a todos/as aqueles/as que contribuíram de alguma forma para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. (CALVINO, 1990, p.44).

Resumo

SILVA, Rosilene Oliveira. **A cidade que cresceu à sombra da Usina:** sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade de Candiota/RS. Orientadora: Prof^ª. Dra. Flávia Maria Silva Rieth. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Esta dissertação resulta de uma pesquisa etnográfica com as famílias eletricitárias, na cidade de Candiota (RS), e busca refletir sobre a relação destas com a Usina Termelétrica Presidente Médici. Fundamenta-se na interlocução com trabalhadores/as, eletricitários/as, aposentados/as e suas famílias, para compreender as práticas cotidianas e as narrativas dos/as interlocutores/as (ECKERT e ROCHA, 2011), considerando o habitar (CERTEAU, 1998) as Vilas Residencial e Operária. O espaço urbano em Candiota constituiu-se com a implantação da Usina Termelétrica, um grande empreendimento termelétrico que utiliza o carvão como fonte de obtenção de energia elétrica. Na narrativa da aposentada eletricitária, o “distrito cresceu à sombra da usina”, salientando o quanto o cotidiano das vilas operárias é controlado pela usina (FOUCAULT, 1987), que é uma Companhia Estatal. Num processo pactuado pelo silêncio na relação entre as famílias, a cidade e a usina, observa-se os benefícios de emprego, moradia, escolarização e a usina traz às famílias eletricitárias, ao mesmo tempo em que a implantação do complexo termelétrico acarreta uma série de impactos ambientais (AGIER, 2011 e MAGNANI, 2002). As famílias moram próximas ao espaço da usina, em um ambiente disciplinado pelo trabalho, e convivem com a fumaça emitida pelas chaminés da usina (LOPES, 2006). As técnicas aplicadas na coleta de dados foram observação participante, entrevistas (BRANDÃO, 2007), prancha fotográfica (SAMAIN, 2004), e desenhos (KUSCHNIR, 2012), com registro em diário de campo realizado entre os anos de 2019 e 2020 ao caminhar pela cidade (INGOLD, 2015).

Palavras-chave: Etnografia. Famílias eletricitárias. Disciplinamento. Cidade polinucleada. Candiota. Usina Termelétrica.

Abstract

SILVA, Rosilene Oliveira. **The city that grew up in the shadow of the Usina**: about the dwelling of electrician families in the city of Candiota/RS. Advisor: Flávia Maria Silva Rieth PhD. 2021. 105 f. Dissertation (Masters in Anthropology) – Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This study is the result of an ethnographic research among electric power families in the city of Candiota (RS) and seeks to reflect on their relationship with the Presidente Médici Thermoelectric Power Plant. It is based on the dialogue with workers, electricians, retirees and their families, in order to understand the daily practices and narratives of the interlocutors (ECKERT and ROCHA, 2011), considering the dwelling (CERTEAU, 1998) the Residential and Worker Villages. The urban space in Candiota started with the implementation of the Thermoelectric Power Plant, a large thermoelectric enterprise that uses coal as a source of obtaining electricity. In the account of the retired electrician, the “district grew up in the shadow of the thermoelectric plant”, highlighting how much the daily life of workers' villages is controlled by the plant (FOUCAULT, 1987), which is a State Company. In a process agreed upon by the silence in the relationship between the families, the city and the power plant, the benefits of employment, housing, education and the power plant bring to electric families are observed, while the implementation of the thermoelectric complex entails a series of environmental impacts (AGIER, 2011 and MAGNANI, 2002). Those families live close to the plant, in an environment disciplined by work and live with the smoke emitted by the thermoelectric chimneys (LOPES, 2006). The techniques applied for data collection were participant observation, interviews (BRANDÃO, 2007), photographic plates (SAMAIN, 2004), and drawings (KUSCHNIR, 2012) with field diary records, carried out from 2019 to 2020 while walking through the city (INGOLD, 2015).

Keywords: Ethnography. Electricity families. Disciplining. Polynucleated city. Candiota. Thermoelectric Power Plant.

Lista de Figuras

Figura 1 – Localização da cidade de Candiota.....	13
Figura 2 – Núcleos Urbanos da cidade de Candiota.	15
Figura 3 – Percurso da caminhada, vila Residencial.....	25
Figura 4 – Percurso da caminhada, Vila Operária.....	27
Figura 5- Chegando à Candiota	33
Figura 6- Distrito que cresceu à sombra da usina.	34
Figura 7- Mina de carvão em Candiota no início do século XX	39
Figura 8- Sistema de transmissão.....	42
Figura 9-Fases das Usinas Termelétricas em Candiota.....	44
Figura 10- Zona industrial Usina Presidente Médici Fases A,B e C	45
Figura 11- Zona industrial localizado no bairro Seival.	46
Figura 12: Primeiro distrito de Candiota.	48
Figura 13: Bairro Seival.	49
Figura 14- Sede do município Dario Lassance.....	51
Figura 15- Dario Lassance.	52
Figura 16- Núcleo urbano Dario Lassance,.....	53
Figura 17- Aterro Sanitário.	53
Figura 18- Núcleos urbanos de Candiota.....	57
Figura 19: Mapa do perímetro urbano Dario Lassance	55
Figura 20- Cerca da vergonha.....	59
Figura 21- Mapa Vila Residencial.....	64
Figura 22- Canastras.....	65
Figura 23- Núcleo urbano Vila Residencial.	67
Figura 24- Vila Residencial.....	68
Figura 25- Mapa núcleo Vila Residencial.	69
Figura 26- Núcleo Vila Operária.	72
Figura 27-Mapa Núcleo Vila Operária.	73

Lista de Fotografias

Fotografia 1 – Imóveis fechados da Vila Residencial.	36
Fotografia 2 – CTG Candeeiro do Pago	36
Fotografia 3 – Centro Cultural Candiota I que o “pessoal não gosta de ir lá embaixo (onde a edificação está localizada)”	37
Fotografia 4 – Vila Residencial com ruas desertas.	37
Fotografia 5 – Aterro Sanitário em Candiota.	56
Fotografia 6 – Sede do município de Candiota (Dario Lassance), onde está localizado o comércio.	83

Lista de Abreviaturas e Siglas

ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
CEEE	Companhia Estadual de Energia Elétrica
CGTEE	Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica
CRM	Companhia Riograndense de Mineração
CGT	Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
CNMC	Companhia Nacional de Mineração de Candiota
ELETROBRAS	Centrais Elétricas Brasileiras
FEPAM	Fundação Estadual de Proteção Ambiental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
ONG	Organizações Não Governamentais
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
SIN	Sistema Interligado Nacional
UTPM	Usina Termelétrica Presidente Médici
UTE	Usina Termelétrica
UTPS	Usina Termelétrica Pampa Sul
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

Introdução	12
1 Metodologia: Ver, ouvir, caminhar, desenhar, fotografar e escrever	19
1.1 O habitar uma vila operária, um universo familiar	20
1.2 O início do trabalho de campo: participação no projeto de ensino e extensão da disciplina Planejamento Urbano, FAUrb/UFPel	24
1.3 Voltar a morar em Candiota, retomando vínculos	28
2 A cidade e a usina	38
2.1 Contexto histórico do município de Candiota	38
2.2 Implementação da usina termelétrica de Candiota	39
2.3 Expansão urbana da cidade de Candiota	57
2.4 Vila Residencial	64
2.5 Vila Operária	72
3 O habitar Candiota na perspectiva das famílias eletricitárias	76
3.1 Trabalho e moradia: fatores atrativos para viver em Candiota	77
3.2 O cotidiano nas Vilas Residencial e Operária	79
3.3 A ambientalização dos problemas sociais	84
Considerações Finais	93
Referências Bibliográficas	96

Introdução

Proponho um estudo etnográfico sobre a relação das famílias eletricitárias – trabalhadores/as, eletricitários/as, aposentados/as e suas famílias –, na cidade de Candiota (RS), com a Usina Termelétrica Presidente Médici que possui uma história de cinco décadas de formação e de funcionamento na região. O conjunto de Usinas Termelétricas implantadas na cidade é composto pela Usina Termelétrica Candiota I (1961-1974) e pela Usina Termelétrica Presidente Médici Fase (A) (1974), Fase (B) (1985) e Fase (C) (2010), atualmente em funcionamento.

Neste trabalho, busco analisar o processo de constituição das Vilas Residencial e Operária de Candiota, a partir da experiência vivida e narrada pelas famílias de funcionários/as e aposentados/as da Usina. A ideia de produzir este trabalho surgiu de minhas experiências nesta cidade e das imagens que guardo na memória sobre minha infância e adolescência, relacionadas à história da Vila Residencial onde residi por vinte anos.

Nas décadas de 1970 e 1980, os/as funcionários/as tinham que morar nas Vilas Residencial e Operária para ficar à disposição da Companhia. A usina oferecia atrativos para obter adesão dos operários, por intermédio dos serviços de educação, saúde e moradia, como: o clube recreativo, a escola até o 2º grau, a quadra de futebol de salão, o campo de futebol, a quadra de vôlei e basquete, as canchas de bocha e bolão, um centro comercial e administrativo onde funcionavam o banco Banrisul, a farmácia, a cooperativa de consumo, a central telefônica, a lancheria, a horta, a fruteira e o açougue.

Candiota¹ (Figura 1) é um município com cerca de 9.647 mil habitantes (IBGE, 2020) e pertence à região “metade sul” do Rio Grande do Sul, mais propriamente na região da “campanha”. A cidade está localizada na fronteira com o Uruguai e a Usina Termelétrica Presidente Médici pressupõe convênio com Brasil e Uruguai.

¹ Essa informação foi obtida em consulta ao site <https://www.candiota.rs.gov.br/localizacao-e-distancias/>, em 16/12/2020.



Figura 1 – Localização da cidade de Candiota.

Fonte: Prefeitura de Candiota.

O espaço urbano da cidade foi implantado conforme a ampliação da Usina, pela constituição de Vilas Residencial e Operária para os/as trabalhadores/as, que foram morar em Candiota, inicialmente, sem qualquer infraestrutura de serviços urbanos. Diversos bairros surgiram no distrito industrial, principalmente, entre as décadas de 1970 -1980.

As Vilas Residencial e Operária foram criadas pela Usina, para abrigar funcionários/as tanto da usina como das empreiteiras. Os dois conjuntos habitacionais eram ocupados/as pelos/as trabalhadores/as do complexo termelétrico, de acordo com o cargo exercido: a Vila Residencial destinava-se à/aos engenheiros/as, técnicos/as e do setor administrativo; e a Vila Operária, à/aos trabalhadores/as serventes, carpinteiros, pedreiros etc.

O mapa a seguir apresenta uma visão mais detalhada do distrito industrial, onde é possível localizar as Vilas Residencial e Operária, bem como perceber o traçado de uma cidade polinucleada. Conforme a narrativa do professor Maurício Polidori. *“Candiota se insere no panorama de realidade da cidade polinucleada, como o nome sugere, é uma cidade que tem núcleos, são fenômenos que aparecem na história, típico*

do século XXI, em que a cidade se organiza em diversos núcleos, em razão de fatores atratores, no caso as usinas (Diário de campo, 11/12/2020).

De acordo com Beltrão Spósito (2001), “[...] o processo de fragmentação promove novos fluxos da cidade, de uma centralidade múltipla e complexa, no lugar de uma centralidade principal” (PAULA; MALHEIROS; LIMA, 2006, p. 2). A consolidação de Candiota enquanto uma cidade polinucleada se dá por sua formação em seis núcleos urbanos e quatro usinas termelétricas, sendo duas delas inativas e duas ativas, indústrias de mineração, instituições e residências, com uma população de aproximadamente 10 mil habitantes.

O adensamento urbano atual da região de Candiota pode ser observado por meio da (Figura 2).

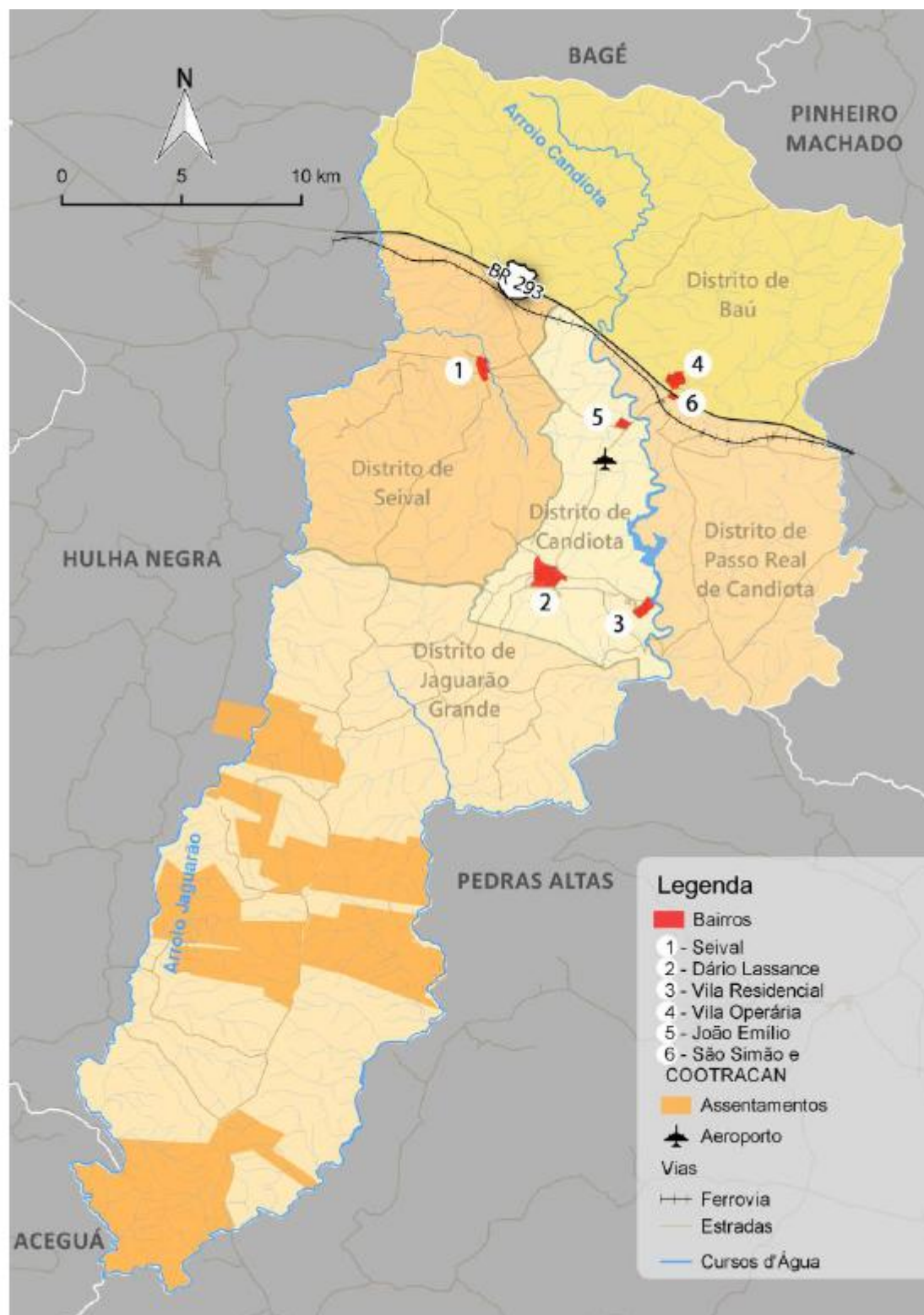


Figura 2 – Núcleos Urbanos da cidade de Candiota.

Fonte: Arquivo Shapefile da Urcamp. Interpretação de imagens Google Earth. Elaboração: Sabrina Endres, Santiago Silva e Jéssica Armani. Acervo: Gabriela Costa, técnica da Prefeitura Municipal de Candiota, 2021.

A construção da Usina Termelétrica Presidente Médici aconteceu em três etapas. A Fase (A) da usina foi inaugurada em 1974, quando foi integrada ao Sistema Interligado Brasileiro. No final de 1985, entrou em operação a Fase (B). O vencimento da concessão destas fases (A e B) foi em 2018. A Fase (C) foi iniciada em meados de 2005, a partir de projetos da Usina Termelétrica pelo Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal (PAC) (CGT – ELETROSUL, 2020).

Desde a instalação das empresas de mineração e do setor energético na cidade de Candiota, a comunidade operária conheceu várias conjunturas políticas de escala local, nacional e internacional. Na cidade, estão localizados o Sindicato dos Mineiros, a Companhia Riograndense de Mineração, o Sindicato dos Eletricitários, e a Copelmi Mineração LTDA. No vintênio de 2000-2019, Candiota passou a conhecer as conjunturas políticas de escala internacional, com Engie, SEPCOI-Power China, Vamtec Group-Synthesis Energy Systems, que atualmente operam as Usina Presidente Médici fase (C) e a Usina Pampa Sul.

O minério extraído de Candiota queima até os dias de hoje na Usina Termelétrica, gerando energia elétrica para a região do pampa, zona sul e também para o Uruguai conforme o tratado de cooperação. Por utilizar carvão mineral, proveniente da extração de carvão em mina a céu aberto, as pessoas convivem com a fumaça da usina que polui a atmosfera da região. Desde a sua fundação, a usina foi alvo de reclamações dos/as moradores/as locais justamente por conta da dispersão de poluentes da chaminé. O pó escuro invadia suas vidas de forma que a convivência se tornou “natural”.

Vê-se importante ressaltarmos que um dos fatores que condicionam a percepção das famílias eletricitárias sobre a poluição é a proximidade das Vilas Residencial e Operária à usina. Os/as moradores/as que residem próximos à usina, muitas vezes, conseguiam identificar a poluição por meio do contato visual, a poeira e o odor da fumaça que interferem nas percepções dos/as moradores/as sobre a poluição. A relação com a fumaça – inicialmente, preta e, depois branca, com a adição de cal – e os impactos ambientais gerados, eram toleráveis, para as famílias, algo com que se deveria resignar diante dos “benefícios” proporcionados.

De fato, a desativação da Usina Presidente Médici fase (A) e fase (B), ocorrida em 2018, impactou a vida dos/as funcionários/as aposentados/as. Até mesmo os/as eletricitários/as aposentados/as se entristecem com a decadência das fases da usina. O desaparecimento do que foi vivido como uma espécie de “morte simbólica” à/aos eletricitários/as aposentados/as da fase (A) e fase (B), como que relegados ao esquecimento social. O fechamento das duas fases parece ter lançado à/aos eletricitários/as a perspectiva de término da convivência com os/as colegas-vizinhos/as e suas famílias na cidade.

Ademais, teme-se a privatização da empresa Eletrobras CGT Eletrosul e o leilão das casas Vilas Residencial e Operária (TRIBUNA DO PAMPA, 2021). A privatização irá representar o rompimento com as famílias eletricitárias que residem nas Vilas Residencial e Operária, onde se formou toda a identidade com base na convivência social nas Vilas.

As narrativas dos/as trabalhadores/as, eletricitários/as, aposentados/as e suas famílias ajudaram-me a analisar como se articulam o tempo e a vida das famílias eletricitárias em Candiota. Elas foram fundamentais para o trabalho de campo etnográfico, na forma como compartilham os motivos de seus enraizamentos e o desenraizamento em relação ao morar nas Vilas Residencial e Operária, que determinam laços de reciprocidade das famílias eletricitárias.

No sentido de orientar a leitura, esta dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado Metodologia: ver, ouvir, caminhar, desenhar, fotografar e escrever, inicio pelo habitar uma vila operária em que apresento a experiência familiar, uma vez que faço parte da família eletricitária. Penso o trabalho de campo a partir da minha participação no projeto de ensino e extensão da disciplina Planejamento Urbano, FAUrb/UFPel, a qual me levou a estranhar o viver em Candiota. E delineio os caminhos metodológicos da pesquisa quando retorno a Candiota para perceber a dinâmica da vida em uma cidade caracterizada como polinucleada por crescer à sombra da usina.

No segundo capítulo, intitulado A cidade e a usina, objetivo apresentar a expansão urbana da cidade de Candiota com característica polinucleada com foco na implantação das Vilas Residencial e Operária. E, ainda, contextualizar o município de

Candiota a partir da relação com a Usina Termelétrica Presidente Médici, a partir das dinâmicas que esta impõe à cidade e à/aos seus moradores/as.

O capítulo três, intitulado O habitar Candiota na perspectiva das famílias eletricitárias, trago a etnografia do habitar uma cidade polinucleada a partir da perspectiva das famílias eletricitárias. Esta reflexão é abordada nos itens: Trabalho e moradia: fatores atrativos para viver em Candiota; O cotidiano nas Vilas Residencial e Operária; e a ambientalização e os problemas sociais, de modo a dimensionar o projeto das famílias eletricitárias de morar e trabalhar em Candiota.

Finalmente, apresento, nas considerações finais, a dinâmica da cidade atrelada ao funcionamento da usina. E o ciclo de vida e “morte” da relação famílias eletricitárias e cidade a cada mudança de fase da Usina.

1 Metodologia: Ver, ouvir, caminhar, desenhar, fotografar e escrever

Neste capítulo, objetivo apresentar os caminhos metodológicos utilizados durante o trabalho de campo no município de Candiota. O trabalho de campo se iniciou, em 2019, com as caminhadas realizadas com a turma do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPeI) pelos seis núcleos urbanos, duas usinas ativas e duas desativadas, compõem essa cidade polinucleada.

Em um segundo momento, no período de janeiro e fevereiro de 2020, voltei a morar em Candiota e percorri as ruas das Vilas Residencial e Operária, retomando os vínculos com os/as antigos/as vizinhos/as, dado que vivi em Candiota desde a infância e minha família compõe a família eletricitária. Neste momento, realizei entrevistas com os/as moradores/as dos principais núcleos deste estudo, ou seja, a Vila Residencial e a Vila Operária que, durante muitos anos, abrigaram os/as engenheiros/as, os técnicos/as e os/as operários/as do complexo da usina termelétrica, principal atividade econômica do município. Com a pandemia da Covid-19 a partir de março de 2020, muitas das conversas tiveram continuidade via *Whatsapp* e telefone.

Por intermédio da etnografia, busquei compreender o habitar e os conflitos ambientais, fenômenos sociais referidos no universo de pesquisa, considerando a relação da cidade de Candiota com a Usina Presidente Médici fase (A B e C), a partir do ponto de vista das famílias eletricitárias². Quanto à etnografia, Mariza Peirano, em seu livro “*A favor da etnografia*”, nos esclarece que se trata de uma ferramenta teórica além de ser um método, portanto, “[...] se é boa etnografia, será também contribuição teórica” (PEIRANO, 2014, p. 383).

² O trabalho de campo revolucionou a prática antropológica, segundo Malinowski (1978), no texto de Introdução ao livro “*Argonautas do Pacífico Ocidental*”, quem introduziu a etnografia e a observação participante na antropologia, exigindo que o antropólogo conviva diariamente, fazendo observações de toda a cultura do grupo ou sociedade que decidiu pesquisar.

José Guilherme Cantor Magnani (2002), no texto *“De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”*, afirma que o trabalho de campo produz conhecimento marcado pelo encontro do pesquisador-pesquisado, em que a “explicação nativa” permite que o esquema teórico do pesquisador seja confrontado. Por intermédio do trabalho de campo, se produz conhecimento de “perto e de dentro”, capaz de identificar, descrever e refletir sobre como se produz o espaço, identificando os grupos envolvidos neste processo, suas experiências, relações e percepções (MAGNANI, 2002, p.17).

Ainda, de acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (2000), fazer antropologia é experienciar um encontro de subjetividades. Por intermédio da etnografia, apresentamos as particularidades de uma ciência de campo em que o dado é construído na relação entre a antropóloga e os/as interlocutores/as. O ver, ouvir e escrever – soma-se aqui o caminhar — são atos cognitivos que evidenciam o processo de pensar relacionalmente, como o conhecimento antropológico se confronta no encontro de subjetividades. Aprender este ofício é aprender a olhar, ouvir e escrever, atos cognitivos disciplinados pela teoria-história da Antropologia. O autor, nesse sentido, explica:

Assim, procurei indicar que enquanto no olhar e no ouvir “disciplinados” a saber, disciplinados pelos critérios do método realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se à forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção de teoria social (OLIVEIRA, 2000, p.18).

1.1 O habitar uma vila operária, um universo familiar

Criei-me em Candiota, na Vila Residencial, vila dos/as operários técnicos/as e engenheiros/as, num lugar onde parecia não faltar nada: havia muitos equipamentos institucionais, comerciais e de serviços que supriam as demandas dos/as trabalhadores/as das usinas e suas famílias. Lá, tínhamos a cooperativa (mercado), a farmácia, o aeroporto, o hospital onde os/as médicos/as eram funcionários/as da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), o zoológico, as escolas – a Escola Estadual de 1º e 2º grau Jerônimo Mércio da Silveira, a Escola Infantil Pingo de Gente e a Escola Particular de 1º e 2º Graus Dr. Antenor Gonçalves Pereira –, a lancheria, a

quadra de vôlei, a quadra de basquete, a quadra de tênis, o campo de futebol, os CTG (Centro de Tradição Gaúcha) e a praça. Ainda, para os/as funcionários/as da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), a Companhia tem colônia de férias em Gramado, Praia do Cassino, Xangri-lá e Capão da Canoa. Anteriormente à emancipação do município de Candiota, as Vilas Residencial e Operária, que pertenciam à Usina Presidente Médici, eram administradas pelo Engenheiro Chefe da Companhia.

A vida na cidade reproduzia a hierarquia de trabalho na Usina, como eu morava na Vila Residencial. Em uma casa que meu pai “ganhou”, fornecida pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), eu não circulava pelos bairros Seival, João Emílio e São Simão. Na vila Residencial, residiam grande parte dos/as funcionários/as da Usina, o local apresentava uma estrutura autônoma, tanto em termos de comércio quanto de lazer.

Nos bairros Seival, João Emílio e São Simão, moravam trabalhadores/as das empresas terceirizadas que prestavam serviços às empresas mineradoras e os/as trabalhadores/as rurais. Já alguns espaços do bairro Dario Lassance, atual bairro sede do município, “pertenciam” ao grupo dos/as operários/as da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) e da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). Na década de 1970, os bairros Vila Airton e Dario Lassance eram divididos por uma cerca, mais conhecida como “cerca da vergonha” que reforçava a exclusão dos/as trabalhadores/as da mina de carvão em relação às famílias eletricitárias. Na falta de casas nas Vilas Residencial e Operária, os funcionários da (CEEE) moravam de aluguel na Vila Airton. Os demais eram os/as funcionários/as da CRM que também não “ganharam” casa na Vila Dario Lassance e acabaram comprando terreno e construindo na Vila Airton.

Anos depois, a partir das caminhadas com os urbanistas em uma cidade polinucleada como Candiota, percebo que as minhas vivências se limitavam a percorrer os lugares das Vilas Residencial, Operária e Dario Lassance, onde residiam as famílias eletricitárias. No bairro Dario Lassance, tenho hoje maior familiaridade com alguns espaços públicos, a praça e o centro comercial porque meu pai comprou uma casa “no centro”, onde alguns moradores/as são aposentados/as da Companhia Termelétrica.

Estudei na Pré-escola Pingo de Gente, que era paga pela Companhia. No ensino fundamental, cursei na Escola Estadual de 1º e 2º Grau Jerônimo Mércio da Silveira, onde os/as professores/as “pertenciam” à Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). Frequentei esta escola estadual até o 8º ano e segui o ensino médio na cidade de Bagé, no Colégio Albert Einstein, conforme a trajetória escolar dos/as filhos/as dos/as funcionários/as da Companhia.

Meu pai aposentou-se e fomos morar em Pelotas, como muitas das famílias eletricitárias de funcionários/as aposentados/as que se encontram residindo no bairro Fragata. Meus pais decidiram deslocar-se para Pelotas com o objetivo de investir na formação acadêmica das duas filhas. Assim, continuei meus estudos ao ingressar na Universidade Federal de Pelotas, no ano de 2010, no curso de Licenciatura em História.

Em 2017, ingressei no curso de especialização em Patrimônio Cultural, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/UFPel, escrevi a monografia intitulada: *Roda de Memória Usina Termelétrica Candiota I – Usina Velha: contribuição à história do patrimônio industrial de Candiota*. Esta monografia foi fruto de uma atividade proposta à Prefeitura de Candiota, estabelecendo parceria entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade Federal do Pampa pólo Jaguarão, curso Gestão de Turismo.

Este trabalho visou a promoção do Centro Cultural remanescente da Usina Candiota junto à comunidade. O Centro Cultural foi tombado como Patrimônio Industrial do Estado do Rio Grande do Sul pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAE/RS. A empresa Eletrobras realizou a revitalização do Centro Cultural Candiota I, com investimento de R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais), em uma parceria com a Prefeitura de Candiota, que ficou responsável pela sua administração para as atividades culturais no município.

O projeto *Roda de Memória no Centro Cultural Candiota I* teve como público-alvo os/as eletricitários/as aposentados/as da Usina Candiota I. Durante a ação da Roda de Memória, os/as interlocutores/as recordam e contam suas trajetórias de vida e as experiências como trabalhadores/as da Usina em Candiota. Quando chegamos ao ponto sobre o trabalho numa Usina Termelétrica, temos a memória traumática em nossa entrevista com o Sr. T.C.F, ao relatar que a Companhia, para manter a disciplina

no trabalho, utilizava mecanismos de advertência, punição, suspensão, demissão e transferência: *“Tinha dois colegas de São Leopoldo que vieram trabalhar em Candiota por castigo, fez alguma coisa errada ou na justiça vai para Candiota”* (SILVA, 2018). Os/as interlocutores/as da roda de conversa não frequentam o Centro Cultural e silenciaram em relação a experiência de trabalho no Complexo Termelétrico.

Na continuidade do trabalho anterior, ingressei no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPel), pelas políticas de ações afirmativas, a fim de aprofundar a pesquisa a partir das vivências dos/as trabalhadores/as e suas famílias.

Nesse sentido, optei por realizar um estudo antropológico junto às famílias eletricitárias. Acompanhando a reflexão de Gilberto Velho (1981), no texto *“Observando o familiar”*, como o meio no qual é produzida esta pesquisa, associada às famílias eletricitárias, é tão próximo a mim – os modos de vida, os projetos de identidade do/a eletricitário/a e o vínculo familiar –, é bastante difícil escrever sobre eles/as. Por isso, impõe-se a perspectiva de estranhar o familiar, uma vez que o familiar não é algo conhecido.

Ainda, como inspiração deste estudo, tem-se Michel De Certeau (1998, p.172) sobre entrecruzamento de caminhos cotidianos dos cidadãos que reinventam a “cidade”, atentando para a relação entre o fenômeno urbano e a ação das famílias eletricitárias neste ambiente.

A descrição da cidade de Sofrônia, do livro *“Cidades Invisíveis”*, lembra em alguns aspectos a cidade de Candiota, principalmente em sua segregação e nas diferenças estruturais, físicas e socioeconômicas que ali se fizeram no início de sua história urbana. Assim, a aglomeração urbana crescia desordenada.

A cidade de Sofrônia é composta de duas meias cidades. Na primeira, encontram-se a grande montanha russa de ladeiras vertiginosas, o carrossel de raios formados por correntes, a roda-gigante com cabinas giratórias, o globo da morte com motociclistas de cabeça para baixo, a cúpula do circo com os trapézios amarrados no meio. A segunda meia cidade é de pedra, mármore e cimento, com o banco, as fábricas, os palácios, o matadouro, a escola e todo o resto. Uma das meias cidades é fixa, a outra é provisória [...] (CALVINO, 1990, p.61).

1.2 O início do trabalho de campo: participação no projeto de ensino e extensão da disciplina Planejamento Urbano, FAUrb/UFPeI

Com as primeiras caminhadas por meio do projeto de ensino e extensão da disciplina Planejamento Urbano da FAUrb/UFPeI, percebi Candiota como uma cidade polinucleada. As atividades de ensino tratam da escala urbana da cidade, com a extensão fazendo parcerias com prefeituras das cidades próximas e de fronteira do Brasil com o Uruguai. O objetivo era desenvolver instrumentos para análise espacial intraurbana, para simulação e crescimento da cidade e para mapeamento participativo.

Já durante a viagem, o professor Maurício Polidori e a professora Luana Detoni explicaram à turma do curso de Arquitetura FAUrb/UFPeI que o município de Candiota é dividido em seis núcleos urbanos. A primeira etapa do projeto foi de conhecimento da cidade, desse modo, seguimos pela rodovia Miguel Arlindo Câmara em direção à sede do município – o bairro Dario Lassance. Organizamo-nos para ir ao Centro de Eventos, de onde fomos caminhando, para a turma conhecer o local. Fomos recepcionados pelo vice-prefeito e o arquiteto da prefeitura para uma conversa sobre o município. O vice-prefeito salientou as dificuldades que o município enfrenta com a demanda de trabalhadores/as que chegam em busca de emprego, falou da conformação da cidade em seis bairros e da falta de infraestrutura e mobilidade urbana, tendo em vista esse desenho de cidade polinucleada, e que a população de Candiota tem mais velhos/as do que jovens, que saem da cidade para estudar (Diário de campo, 21/03/2019).

Visitamos a Vila Residencial (Figura 3), vila da antiga Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), atual Eletrosul Eletrobras (CGT), que é formada por conjunto de casas destinadas à moradia de trabalhadores/as e suas famílias da Usina Candiota I e Fase (A) da Usina Presidente Médici. Percorremos as ruas centrais, a primeira foi a Rua Pedro Coromberk, onde as edificações fazem parte da infraestrutura planejada pelo setor energético e estão localizadas as casas dos/as engenheiros/as, o hospital, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), o clube, a praça e a igreja. Como já se aproximava das 12h, fomos até o restaurante Global, onde era o antigo refeitório da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE).



Figura 3 – Percurso da caminhada, vila Residencial.

Fonte: Google Earth, 2021.

Após o almoço, se deslocamos até o bairro Seival, primeiro núcleo de povoamento da cidade, às margens da ferrovia, que fica a 25km da Vila Residencial. Fizemos uma caminhada na rua principal do bairro, Rua José de Abreu, observando os casarões antigos, o antigo banco Pelotense, o posto de saúde, a escola de Ensino Fundamental, o Piquete de Tradições Gaúchas Combate do Seival (PTG), a praça, a academia ao ar livre, a pista de skate, o barzinho e minimercado. Na Rua Melchior Pereira, encontra-se a estação ferroviária, porém, atualmente, está em ruínas. A Usina Termelétrica Pampa Sul fica à esquerda da entrada do bairro Seival.

Percorremos, então, o bairro João Emílio, que é o núcleo mais novo do município. Localiza-se entre os outros núcleos, com construções de uso residencial não

planejadas, há escola de ensino fundamental, posto de saúde, academia ao ar livre e minimercado. Possui lotes voltados à habitação e poucos lotes de comércio e lazer.

Seguimos, com o objetivo de retornar ao Dario Lassance, acessando a Rua Ulysses Guimarães e Avenida 24 de Março, pontos com maior concentração de pessoas. Trata-se do local onde estão localizados a Prefeitura Municipal, o comércio, a praça, a igreja, a escola de ensino fundamental, o clube dos mineiros (que hoje pertence à Prefeitura), antigo clube de mães, o posto de saúde, o tabelionato, o banco Banrisul, o banco Sicredi, a lotérica, a padaria, a fruteira, a farmácia, o supermercado, o açougue, o restaurante, o posto de gasolina, o ginásio municipal, a ferragem e, no final da Rua Avenida 24 de Março, encontra-se a Companhia Riograndense de Mineração (CRM).

O próximo local de parada foi o bairro São Simão, localizado junto à BR 293, segundo núcleo mais recente. A ocupação deste bairro é predominantemente residencial, com poucos lotes com função comercial. Nele estão localizados o hotel Revelante, o posto de gasolina e o sindicato dos municipais.

A última parada foi na Vila Operária (Figura 4) e o professor explicou que a Vila Operária era ligada à Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), que foi construída na década de 1980, em função da vinda de funcionários/as da França. Atualmente, residem no local os/as funcionários/as que realizaram a obra da usina fase (B) e suas famílias. Na Vila Operária, encontram-se os equipamentos institucionais, serviços e comércio.



Figura 4 – Percurso da caminhada, Vila Operária.

Fonte: Google Earth, 2021.

Na primeira saída de campo, foi feito o levantamento do uso do solo, com os grupos de discentes divididos entre as vilas e os bairros, orientados a indicar o número de pavimentos e a atividade do lote. Além disso, foram realizadas entrevistas com os/as moradores/as e representantes da Prefeitura Municipal. As perguntas realizadas diziam respeito à cidade e a sugestões para o futuro. Durante o processo de levantamento de dados, uma das metodologias adotadas foi a análise das possibilidades e desenvolvimento dos núcleos urbanos. Foi utilizado como ferramenta o *Software Citycell*, tendo como objetivo buscar uma representação aproximada do crescimento da cidade nos próximos anos.

O caminhar dos urbanistas estava atento à caracterização do espaço da cidade que foi registrado em GPS, fotografias e mapas. O trabalho de campo que se iniciou em

2019 me surpreendeu pelo silêncio das famílias eletricitárias com relação ao viver na cidade, na vizinhança da Usina Termelétrica, ainda mais quando eu abordava os conflitos ambientais.

1.3 Voltar a morar em Candiota, retomando vínculos

Em um segundo momento de campo, no período de janeiro e fevereiro de 2020, habitei no bairro Dario Lassance, onde meus familiares têm residência. No primeiro momento, ocorreu uma conversa sobre o estudo com funcionários/a aposentados/as e integrantes das famílias eletricitárias a fim de explicar brevemente a pesquisa. Realizei entrevistas formais com dez pessoas que residem em Candiota, Pelotas e Bagé. Os/as interlocutores/as se agregam em duas principais gerações, uma de aproximadamente 70 anos e outra, em média, com 40 anos. Alguns destes/as interlocutores/as já eram meus conhecidos/as de Candiota, os demais foram indicados/as por amigos/as ou por seus próprios familiares.

Conhecer, de antemão, os “antigos vizinhos” facilitou o contato, mesmo assim, foram muitas as recusas nas primeiras tentativas de estabelecer as entrevistas e, por vezes, as pessoas interrompiam as respostas e silenciavam. Os/as moradores/as não me autorizaram a realizar registros fotográficos, alegando que *“Candiota é uma cidade pequena que todos se conhecem”*, como a Sra. Celina: *“tu pode conversar, perguntar, dar risada, mas menos tirar foto!”*. Por voltar a morar em Candiota, quando retomei os vínculos com a vizinhança, tais situações tenderam a diminuir.

Em relação aos consentimentos para a pesquisa, antes de iniciar a conversa, era explicado o objetivo do trabalho, conforme dito anteriormente. Mesmo que alguns dos/as interlocutores/as tenham permitido o uso de seus nomes, preferi usar nomes fictícios. Considero importantes as reflexões de Cláudia Fonseca (2008) sobre ética e anonimato, mas concordo com a autora que isso não resolve todos os problemas éticos envolvidos em uma pesquisa, ainda mais tratando-se de um tema conflituoso como este.

Acompanhando a perspectiva da etnografia da duração, segui os deslocamentos narrados pelas famílias eletricitárias nas fronteiras das experiências vividas que, segundo Cornelia Eckert e Ana Rocha (2013, p. 22), “ultrapassam até mesmo suas referências históricas e geográficas mais ontológicas, mais concretas e palpáveis”.

Foram realizadas entrevistas abertas, o que proporcionou a inclusão de outras perguntas no decorrer dos encontros, dando liberdade às famílias para contarem suas histórias de vida, o que nem sempre segue uma cronologia linear. Os relatos dos/as interlocutores/as implicaram na percepção do meio ambiente vivido, imbricados de sentimento de territorialidade, que se tornam pertinentes para o entendimento da dinâmica socioambiental da comunidade local. Esse primeiro contato foi fundamental para aprofundar a relação das famílias eletricitárias com a Usina Presidente Médici. No decorrer do trabalho de campo, foi estabelecido um diálogo informal sobre a construção da usina e a percepção das famílias dos impactos nas suas vidas.

Os contatos tiveram continuidade por intermédio de conversas no celular e *Whatsapp*, obedecendo as regras de distanciamento social e adesão dos/as interlocutores/as. Com a pandemia da Covid-19, o celular passou a ser uma ferramenta importante para a realização das conversas; neste período de pesquisa, estive inserida no grupo de *Whatsapp* da Vila Residencial, onde residi, o que não aconteceu com o grupo da Vila Operária.

No momento em que eu me encontrava em Candiota, percorrendo à pé os bairros operários compostos de casas enfileiradas de tons de cor rosa, amarelo, azul e verde, com um pequeno jardim ao lado, para realizar o trabalho etnográfico, percebi o conflito travado e que o silêncio das famílias sobre as questões indagadas estava relacionado ao projeto de vida (VELHO, 1981). Tentei buscar o conhecimento a partir “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p. 18), que passa por se conhecer e aprender os modos de vida de uma comunidade operária.

A intenção foi transformar o ato de caminhar na cidade de Candiota em processo de observação participante, tendo os relatos das famílias eletricitárias como bússola capaz de dirigir meu olhar sobre o território pesquisado. Segundo Carlos Brandão (2007), o fundamento da participação “[...] vai falar em observação participante, numa

outra dimensão, em pesquisa participante, vai falar em envolvimento pessoal do pesquisador, com o contexto da pesquisa” (BRANDÃO, 2007, p. 12).

O diário de campo, como ferramenta metodológica, objetivou registrar os fenômenos culturais observados e permitiu exercitar a habilidade de lhes dar vida novamente, agora na forma escrita, com base em uma estrutura narrativa (ECKERT; ROCHA, 2013, p. 62; BRANDÃO, 2007). Atenta ao registro da vida urbana candiotense, procurei adotar o desafio de percorrer diversos percursos onde fiz anotações referentes ao cotidiano observado, somando-se ao contato com os/as moradores/as. Minha caderneta de campo ficou quase inteira escrita com o que eu via e ouvia.

O ato de caminhar nas Vilas Residencial e Operária possibilitou o exercício etnográfico de estranhamento desde a minha primeira visita ao local como pesquisadora. O deslocamento nas ruas desses conjuntos residenciais para descobrir o fazer a cidade de Candiota no entrelaçamento com a minha história de vida. Durante vinte anos, residi na Vila Residencial. Em campo, as situações proporcionadas pelo acaso deram pistas sobre a vida cotidiana das Vilas Residencial e Operária, e as relações que seus moradores/as estabelecem com a cidade, inspirada na *“Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana”*, de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, qual seja:

A intenção não se limita, portanto, apenas a retomar o olhar o pesquisador para a sua cidade por meio de processos de reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-los às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana (ECKERT; ROCHA, 2003, p.4).

Sob essa perspectiva, adotei a caminhada como técnica de investigação de espaço, do fazer cidade, tomando como referência o texto *“O dédalo-labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção”*, proposto por Tim Ingold (2015).

A atenção flutuante e a curiosidade livre que assumimos no modo-labirinto são domesticadas pela disciplina ao longo da vida e “para recuperar o que foi perdido, temos que sair da cidade, caminhar pela mata, campos ou montanhas governados por forças ainda não disciplinadas (INGOLD, 2015, p. 24).

O caminhante do labirinto deve ir para onde o caminho o leva, sem ter em mente o objetivo de chegar ao seu final, sem a projeção de uma perspectiva a ser realizada ou de uma meta a ser alcançada, como no caso do dédalo. Aquele que segue o caminho do labirinto não pode ter outro objetivo senão continuar, seguir em frente e, para fazê-lo, sua atenção deve estar inteiramente voltada à sua percepção com um monitoramento sempre vigilante do caminho, ouvindo e sentindo tudo que há nele (INGOLD, 2015, p. 25).

Diferentemente de minhas formas antigas de andar pelas ruas de Candiota, me autorizei a andar livremente, sem destino e direção. Tendo como fonte de inspiração as ideias de Tim Ingold (2015, p. 25), “[...] para pensar a atividade de caminhar, no modo-labirinto, a caminhada não possuiu uma visão de comando, nem um vislumbre do seu fim, o que vai exigir do seu caminhante um estado contínuo de atenção e alerta para todos os elementos presentes no percurso”.

As descrições das Vilas Residencial e Operária como narrativa biográfica “[...] se transformou no jogo da memória de seus habitantes, tanto quanto na do etnógrafo, que reinterpreta as compreensões dos habitantes cujas trajetórias ele pesquisa” (ECKERT; ROCHA, 2013, p.130). Procurei dar destaque às fronteiras e limites sociais simbólicos dos grupos envolvidos, com ênfase em sua trajetória de vida, caminhos percorridos e alianças criadas nas Vilas Residencial e Operária. Nesse viés, considerando as práticas urbanas (AGIER, 2011) daqueles que habitam a cidade, suas memórias e discursos. A proposta foi construir uma etnografia com o grupo pesquisado, com suas histórias, com suas experiências, enfim, com o seu cotidiano.

O desenho e a fotografia foram utilizados como ferramentas de trabalho para conhecer os modos de vida das famílias eletricitárias. No contexto de inserção em campo, o uso da imagem será também um desafio de descoberta. Por meio das fotografias e dos desenhos, contamos a história do que rodeia os lugares onde vivemos e por onde viajamos (KUSCHNIR, 2012, p.296). Atentei-me para desvendar as formas do uso do espaço público nas Vilas Residencial e Operária, o que me possibilitou perceber a dinâmica da vida em uma cidade caracterizada como polinucleada que cresceu à margem da Usina.

Motivada pela disciplina Oficina e Imagem em Antropologia, comecei a desenhar a cidade de Candiota e, por intermédio dos desenhos, percebi alguns elementos que a relação com a Usina impõem para a cidade. Nas (Figura 5) e (Figura 6) trago os elementos deste espaço urbano relacionados à Usina, assim, para quem olha de longe, nas margens da BR 293, o que primeiro chama a atenção no conjunto da Usina Presidente Médici é a chaminé de 200 metros de altura, responsável pela dispersão da fumaça na atmosfera.

A Companhia Riograndense de Mineração é responsável pela extração de carvão mineral e transporta carvão em correia ao longo de cerca de 3km até a Usina, passando por cima dos bairros Dario Lassance e Vila Residencial.

O aeroporto foi utilizado para o pouso de aviões agrícolas e monomotores, constantes no ambiente da cidade. O objetivo da construção do aeroporto era facilitar o deslocamento de aviões de maior capacidade e autonomia, tendo em vista o início da construção da Fase (B).

Os caminhões têm entrada e saída constante na cidade de Candiota, trazendo as cargas de lixo de outros municípios para aterramento das cavas a céu aberto; tráfego intenso também pelo transporte de caminhões até a indústria de cimento InterCement, fator que prejudica a mobilidade urbana e aumenta a poluição. Disponho os desenhos e as fotografias que foram realizados ao longo das caminhadas etnográficas em pranchas (SAMAIN, 2004), a fim de contextualizar uma cidade que cresceu à sombra da usina.

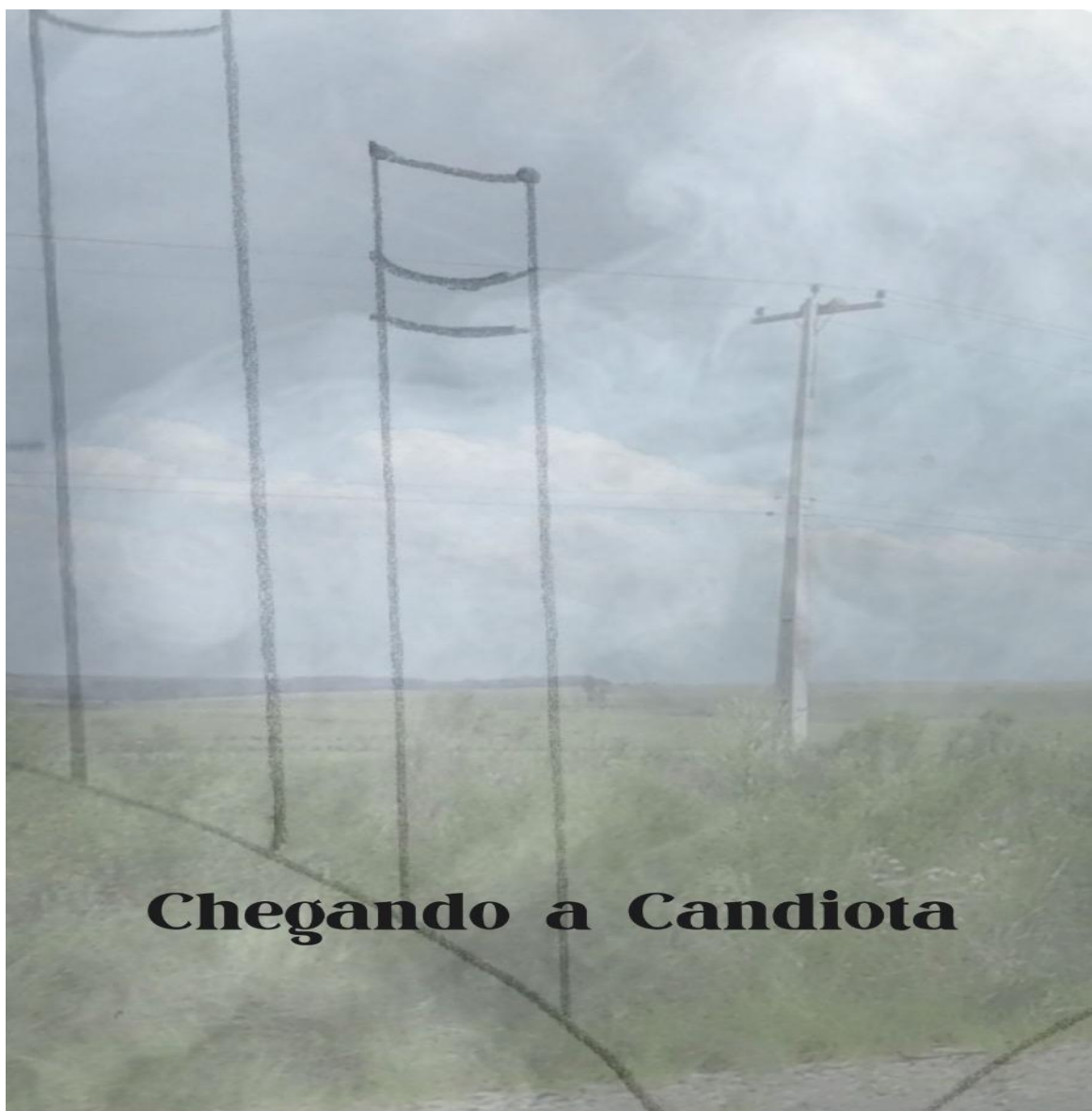


Figura 5 – Chegando a Candiota.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019.



Figura 6 – Distrito que cresceu à sombra da usina.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019.

O contexto em que estive em Candiota estava relacionado ao período de concessões vencidas da Fase (A e B) e operação da Fase (C), e a instauração da Usina Termelétrica Pampa Sul. Apesar dos problemas ambientais, o período de transição é como uma espécie de “morte simbólica”, construída em torno do ofício. Para a comunidade operária que trabalhou na Usina nas Fases (A e B), em que frequentemente se diz que “todo mundo” é mineiro/a e/ou eletricitário/a, a mineração e o setor energético consistem em um mundo de referência a partir do qual se formaram as Vilas Residencial, Operária e Dario Lassance.

No momento atual, ocorre a implantação da Usina Presidente Médici Fase (C), que está em processo de privatização e, como consequência, os imóveis das Vilas

Residencial e Operária (casas, CTG Candeeiro do Pago e o Centro Cultural) poderão ir a leilão. A partir do levantamento de documentação referente aos jornais Tribuna do Pampa, Jornal Minuano e Diário Popular, encontrei matérias referentes à luta dos/as moradores/as pelos imóveis das Vilas Residencial e Operária. Ainda segundo a matéria publicada pelo jornal Diário Popular, a privatização da Eletrobras pode desabrigar 1,5 mil pessoas que residem nos bairros localizados nas imediações da Usina Presidente Médici, as Vilas Residencial e Operária, que correm o risco de perderem suas moradias em razão da privatização da Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil- Eletrobras CGT Eletrosul. Muitas dessas famílias são residentes do local há mais de 60 anos (DIÁRIO POPULAR, 21 jul. 2021).

As imagens que seguem, retiradas de reportagem do jornal local, indicam os imóveis que possivelmente serão leiloados: as Vilas Operárias e Residencial (Fotografia 1), O CTG Candeeiro do Pago (Fotografia 2) e o Centro Cultural (Fotografia 3), que são patrimônios da empresa Eletrobras (JORNAL MINUANO, 19 jun. 2021). Elas desvendam o “tom” de término de um ciclo que, em muitos momentos, o trabalho de campo assumiu, seja pela desativação da Fase (A e B) da Usina, seja pela aposentadoria dos/as trabalhadores/as que coloca em risco a própria permanência destes na cidade. Em mensagens recebidas pelo *Whatsapp* no grupo da Vila Residencial, anunciavam que “as Vilas viraram uma cidade fantasma” (Fotografia 4).



Fotografia 1 – Imóveis fechados da Vila Residencial.
Fonte: Jaqueline Muza, Jornal Minuano, 19 jun. 2021.

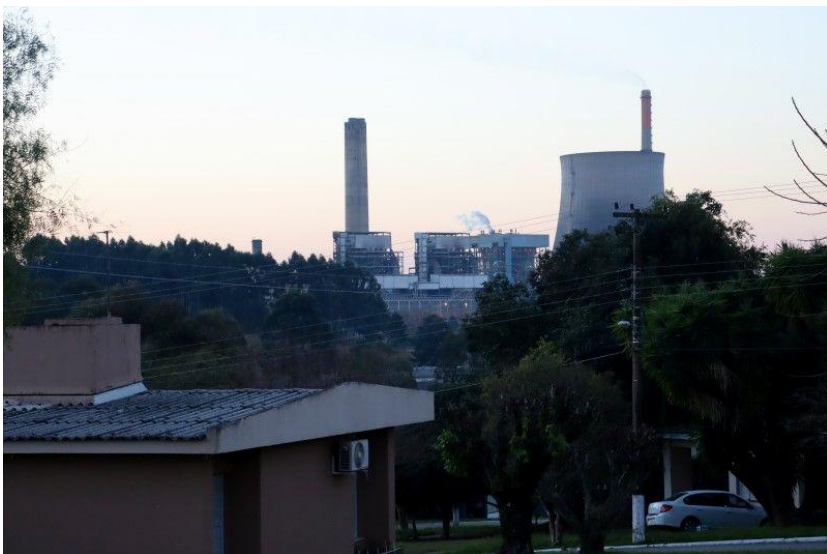


Fotografia 2- CTG Candeeiro do Pago.
Fonte: Maps 123. Net, 13 ago. 2021.



Fotografia 3 – Centro Cultural Candiota I que o “pessoal não gosta de ir lá embaixo (onde a edificação está localizada)”.

Fonte: Rosilene Oliveira Silva, 2019.



Fotografia 4 – Vila Residencial com ruas desertas.

Fonte: Jornal Minuano, 22 jul. 2021. Felipe Daroit – Ascon DPE/RS.

2 A cidade e a usina

2.1 Contexto histórico do município de Candiota

A historiografia de Candiota costuma ser destacada pela emblemática atividade industrial e o crescimento urbano nos últimos 60 anos, confundindo a história da cidade com a história da Companhia Termelétrica cujo início de construção data na década de 1950.

Segundo Dal Molin (1994), a ocupação atual de Candiota ocorreu a partir de 1800, com a implantação das Estâncias e a atividade pecuária no pampa, a pecuária e a agricultura. Ainda, de acordo com o autor, advogado e acadêmico do curso de História Carlos Taylor Lima (2016), a existência de carvão mineral no solo da região onde hoje se encontra Candiota foi descoberta no século XVIII, por Emílio Luiz Mallet, militar do Exército brasileiro nascido na França. Durante a Guerra da Cisplatina, Mallet esteve na região e identificou a presença de carvão mineral.

Na década de 1850, iniciaram-se os estudos para que o carvão mineral (Figura 7) fosse usado de forma sistemática e, no ano de 1863, o império brasileiro oficializou a primeira concessão para a lavra do carvão mineral de Candiota. Depois de várias pesquisas e concessões, a exploração comercial do carvão começou a ocorrer a partir do século XX, quando foram abertas as primeiras minas (LIMA, 2016).

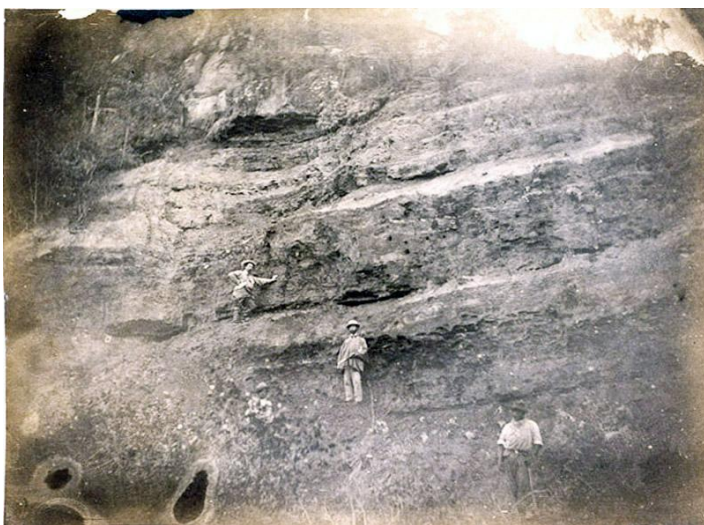


Figura 7 – Mina de carvão em Candiota no início do século. XX.
Fonte: André Prati, 2017.

Estabeleceu-se, ao longo das décadas seguintes, a implantação da Estação Ferroviária Santa Rosa no distrito do Seival, construída pela *Cunha Plant & Cia* quando recebeu concessão para explorar as jazidas de carvão. A ferrovia representou o processo de escoamento de produção de carvão. O carvão mineral serviu de combustível para as empresas nacionais de iluminação pública, transporte marítimo e ferroviário entre os trechos Pelotas, Rio Grande e Bagé (IPHAE, 1994). A partir da rodoviarização no Estado, o transporte ferroviário perde a concessão e o que, historicamente, era feito pelo sistema ferroviário, atualmente, acontece pelo sistema rodoviário.

2.2 Implementação da usina termelétrica de Candiota

A Usina Termelétrica Candiota I foi uma obra proposta durante a década de 1950. O período de construção desse conjunto de obras corresponde ao período entre 1953 e 1961, porém, o funcionamento, especificamente da Usina Termelétrica I, foi de 1961 a 1974. Apesar desse curto período, a primeira usina de Candiota teve sua história registrada na narrativa dos/as moradores/as de Candiota e está interligada à história do município (CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 2001).

Em 1950, a Comissão Construtora de Candiota ficou responsável pelas obras da Termelétrica Usina Candiota I, tendo como finalidade eletrificar a Zona Sul do Estado. A rede ferroviária perdeu o interesse no projeto e, assim, a obra da Usina Candiota I passou para a Companhia Estadual de Energia Elétrica (IPHAЕ, 1994).

Como forma de potencializar a geração de energia no Estado do Rio Grande do Sul motivou-se a construção da Usina Candiota I (Figura 9), projetada no Governo de Eurico Gaspar Dutra em 1953, construída através do consórcio das empresas francesas Alston, Stein e Roubax (CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 2001).

Em 1951, foi editado, pela Presidência da República, o Decreto Lei nº 1.523, que instituiu a Comissão Executiva cujas finalidades principais foram: a realização de estudos técnicos para a construção de uma usina termelétrica destinada à produção de energia para a eletrificação da rede de viação férrea e o reforço às usinas elétricas de Bagé, Pelotas e Rio Grande. Conforme dados do Iphae (1994), o Departamento Nacional de Estradas (DNEF), ligado ao Ministério de Viação e Obras Públicas, planejou eletrificar vários trechos que faziam o trajeto Rio Grande, Pelotas e Bagé, sendo a escolha da área voltada para as obras da mina de carvão, Usina Candiota I (1953), e das Vilas Residencial (1970) e Operária (1980).

O Plano de Eletrificação Estadual do Rio Grande do Sul, no ano de 1943, previa “[...] estabilizar e fortalecer a indústria termelétrica pelo aproveitamento do carvão mineral, junto às minas, na produção de energia” [sic] (IPHAЕ, 1994). Os Decretos e fases de construção: segundo os dados do Plano Diretor Municipal de Candiota (2017), no Decreto nº 24.693 carbonífero de 1948, o Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM) autorizou pesquisas na jazida de Candiota e, no ano seguinte, foi projetada a mina de Candiota e a Usina Termelétrica de Candiota I, sendo que, em 1969, o (DACM) passou a ser uma sociedade de economia mista do Estado do Rio Grande do Sul, recebendo o nome de Companhia Riograndense de Mineração (CRM). O distrito de Dario Lassance surge, assim, a partir da empresa, para alojar os/as seus funcionários/as.

No Rio Grande do Sul, paralelamente às instalações da Usina de Candiota, foi implantado o Complexo Termoelétrico de São Jerônimo (1956) e, no mesmo ano,

começou a ser construída a Usina de Charqueadas. Em 1961, a Usina Termelétrica Candiota I entra em operação (CGT- ELETROSUL, 2020).

Em 1975, ocorreu a inauguração da Usina Termelétrica Presidente Médici Fase (A), sendo desativada a Usina Candiota I. Por volta de 1985, visando a aumentar a capacidade de geração da usina, foi efetuada a ampliação da Fase (B). O investimento era justificado pela capacidade de geração estimada para o novo conjunto, dobrando a capacidade da usina. O antigo projeto de 1950, que foi atualizado, depois de trinta anos de obras e paralisações, em 2010, entra em operação na Fase (C) (CGT- ELETROSUL, 2020).

A ação do governo brasileiro para a região da Campanha, em 2005, foi o fomento do projeto das Usinas Termelétricas, pelo Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal (PAC) (PLANO NACIONAL DE ENERGIA, 2020). O empreendimento da Companhia de Geração Térmica Eletrosul (CGTEE) conecta-se ao Sistema Interligado (SIN) por meio da subestação Usina Presidente Médici (Figura 8) o círculo em vermelho sinaliza o Complexo termelétrico de Candiota.

Em parceria com a *Holding* Eletrobras, a Eletrosul é responsável pela operação do sistema interligado de transmissão Brasil e Uruguai. Concluído em 2015, o empreendimento possibilita o intercâmbio eletro-energético entre os dois países (TRIBUNA DO PAMPA, 2021).



Figura 8 – Sistema de transmissão.
Fonte: Eletrobras, 2018. Destaque da autora.

A interconexão compreende uma subestação na região de Candiota e duas linhas de transmissão Candiota via Melo, no Uruguai, com 60km no lado brasileiro, interligada ao sistema de Uruguai e à Presidente Médici Candiota, com 3km de extensão (CGT ELETROSUL, 2020).

Na década de 1990, a usina Presidente Médici da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) passou a ser controlada pela Companhia de Geração Térmica e Elétrica Eletrobras (CGTEE). Atualmente, a Usina é administrada pela Companhia de Geração Térmica (CGT), empresa do sistema Eletrobras-Eletrosul, titular dos direitos de exploração e produção de energia elétrica através das Usinas Termelétricas (CGT ELETROSUL, 2020).

A Eletrobras CGT Eletrosul, que é uma empresa brasileira de economia mista vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME), ou seja, responde à estratégia do Estado Nacional, teve sua sede administrativa transferida à cidade de Florianópolis no Estado de Santa Catarina (CGT- ELETROSUL, 2020).

A partir da instalação da unidade Usina Presidente Médici Fase (C), que entrou em operação em 2011, iniciou-se a parceria entre Brasil e a China, como parte do projeto de expansão da Companhia Geração Térmica de Energia Elétrica (CGTEE).

No ano de 2017, a Fase A e, em 2018, a Fase B foram desligadas (UTE Presidente Médici), de forma que, atualmente, há duas usinas em funcionamento no município: a Usina Termelétrica Presidente Médici Fase C e a Usina Termelétrica Pampa Sul (CGT-ELETROSUL, 2020). Conforme a prancha fotográfica (Figura 9) como se pode ver a seguir, as fases das Usinas Termelétricas na cidade de Candiota: Usina Candiota I, Usina Presidente Médici fases (A, B e C) e Usina Termelétrica Pampa Sul.



Figura 9 – Fases das Usinas Termelétricas em Candiota.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva ano 2019 e 2019. Memorial da eletricidade e Histórico de Edificação. Projeto Arq. Magali Nocchi Collares Gonçalves, 2010.

Na (Figura 10), à esquerda, está representada a zona industrial e é possível localizarmos a Usina Presidente Médici Fases (A, B e C). A correia de carvão que recebe carvão mineral da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) para o abastecimento da usina está demarcada pelo tracejado amarelo. O tracejado vermelho é o trajeto da rodovia Miguel Arlindo Câmara e, no final da rodovia, está localizado o Centro Cultural Candiota I, o remanescente da Usina Candiota I, demarcado em amarelo e a Vila Residencial delimitada na cor azul.



Figura 10 – Zona Industrial Usina Presidente Médici Fases A, B e C.
Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

Na espacialização horizontal da área em que está a Usina Termelétrica Pampa Sul (UTPS) (Figura 11), estão representados: no canto superior à esquerda em vermelho, a Usina; no canto inferior à direita em amarelo, a mina Seival; em laranja, o bairro Seival; e o tracejado em branco demarca a correia de carvão. O bairro Seival fica distante 23km da Usina Presidente Médici.



Figura 11 – Zona industrial localizado no bairro Seival.

Fonte: Google Earth. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

Candiota nasceu na sombra da Usina, por isso, se constituiu uma cidade polinucleada. O processo de formação urbana relacionado a uma nova ordem produtiva transformou a paisagem de Candiota. Como mostra a prancha da (Figura 12), a

Estação Santa Rosa da década de 1884, atualmente em ruínas, a rua principal José de Abreu onde se encontram os casarões do século XIX, e no ano de 2019 entrou em funcionamento a Usina Termelétrica Pampa Sul. Na prancha (Figura 13), correia que transporta carvão da mina Seival até a Usina Pampa Sul, cercas sinalizando propriedade privada, próximo ao condomínio dos/as chineses, antigo cemitério alto Seival e o casarão de Pedra, atualmente em ruínas.

O bairro Seival, primeiro núcleo urbano de Candiota, com característica histórica e cultural, tornou distrito a partir do Decreto Estadual nº 7.842, de 30 de junho de 1939, com terras desmembradas do distrito de Aceguá e Bagé (PDDUA, 2017). O núcleo surgiu a partir da Estação Santa Rosa e da vinícola Marimon.

Na metade do século XX, o bairro Seival começa a declinar em função do desvio da estrada de ferro que interligava a região, outro fator foi a construção da Usina Termelétrica Candiota I e a Companhia Riograndense de Mineração (CRM).

O bairro Seival permaneceu abandonado por muitos anos. Porém, com a chegada do empreendimento termelétrico da Usina Termelétrica Pampa Sul (UTPS), em 2019, iniciaram-se os trabalhos de pavimentação no bairro, em parceria com a empresa chinesa Sdepci e a Prefeitura, e investimentos sociais, como a praça, a pista de skate e a quadra esportiva.

Na Rua Melchior Pereira, está localizada a ruína da Estação Ferroviária. Já na Rua José de Abreu (rua com canteiro central arborizado), estão localizados o casarão de pedra (pertenceu ao proprietário das terras que foram loteadas para o núcleo urbano), também em ruínas, e as casas antigas da década de 1950. Nessa rua, estavam localizados o Hotel Brasil, a Pensão da Estação e a Pensão dos Romeiros, que estão sendo cuidadas pelos/as moradores/as. No final da Rua José de Abreu, fica o antigo Banco Pelotense.

No alto Seival, encontra-se o antigo cemitério Santa Rosa, no qual há túmulos datados de 1892, atualmente tomado pela vegetação, escondendo tumbas e mausoléus. Na Rua do Jornal A 1ª Folha, encontram-se casas não planejadas e parada de ônibus, construídas pelos/as próprios/as moradores/as.

No primeiro semestre de 2019, entrou em operação a Usina Termelétrica Pampa Sul da Tractebel, atual ENGIE (UTPS), e a mina Seival, levando o carvão até a correia, que o transporta até a Usina Termelétrica Pampa Sul.

Próximo à Usina, há placas indicando um condomínio fechado, privado e restrito, onde residem os/as engenheiros/as e técnicos/as chineses. A primeira vila operária da Usina Termelétrica Pampa Sul foi construída com uma infraestrutura típica de uma cidade, ou seja, além de residências, haverá diversos equipamentos urbanos para os/as funcionários/as da Companhia.

Segundo a técnica de segurança da empresa, Rita, “a empresa tem um escritório na frente, um projeto de centro cultural para os funcionários e o condomínio fechado onde residem os chineses” (Diário de campo, 25/05/2019). Em frente à Usina, foram construídos os escritórios da administração da Companhia.



Figura 12 – Primeiro distrito de Candiota. Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019 e do blog Ralph Giesbrecht, 2018.



Figura 13 – Bairro Seival.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019.

Na prancha (Figura 14) localidade do Dario Lassance, acesso pela Avenida 24 de março e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dario Lassance. Já na prancha (Figura 15) portfólio da mina de Candiota da década de 1960, Companhia Rio

Grandense de Mineração (CRM), Igreja Sagrado Coração de Jesus, Prefeitura Municipal de Candiota, posto municipal de saúde e as antigas casas da empresa Companhia Riograndense de Mineração.

O distrito de Dario Lassance, nome em homenagem ao engenheiro da estrada ferroviária, surge a partir da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) com o objetivo de alojar os seus funcionários/as. Com a expansão da exploração de carvão mineral, surge a vila Dario Lassance, comunidade dos mineiros próxima à Estação Ferroviária Dario Lassance (LIMA, 2016).

O Dario Lassance localiza-se próximo às atividades industriais e de mineração, possui forte concentração de comércio, casas não planejadas e serviços institucionais. Atualmente, está sendo impactado por odores provenientes, principalmente, do aterro sanitário³, instalado dentro de uma antiga área de mineração de carvão.

Na década de 1970, a Companhia Riograndense de Mineração (CRM) ficava na entrada da Avenida 24 de Março; atualmente, a Companhia está localizada no final da Avenida 24 de Março, onde se encontram as antigas casas da CRM que foram vendidas e passaram por modificações. Na mesma Avenida, estão a praça e a igreja.

A escola Estadual de Ensino Fundamental Dario Lassance fica na Rua Ernesto Dorneles. Na Rua Ulysses Guimarães, localizam-se a Prefeitura Municipal, as casas de madeira construídas pela Companhia que foram vendidas e modificadas, e as casas do Residencial Candiota.

Na Rua Manoel Lucas de Oliveira, está localizada a Secretaria de Turismo e a mecânica de automóveis. Na Rua Francisco Assis do Pinho, com maior fluxo de pedestres, ficam o mercado Peruzzo, o Banco Sicredi, lojas, a lotérica, entre outros.

O posto de saúde municipal está localizado na Rua Acácio das Neves. Na Rua Evaristo Soares Fagundes, está localizado o Ginásio Municipal, onde há jogos de futsal e as festas tradicionais do município, como o Festival Canto Moleque de músicas nativistas.

³ O aterro sanitário fica localizado em uma área já minerada da Companhia Riograndense de Mineração (CRM), arrendada pela Meioeste Ambiental Ltda, que foi contratada pela Prefeitura. O local recebe o lixo de 28 municípios da região sul (SARAIVA, 2011).

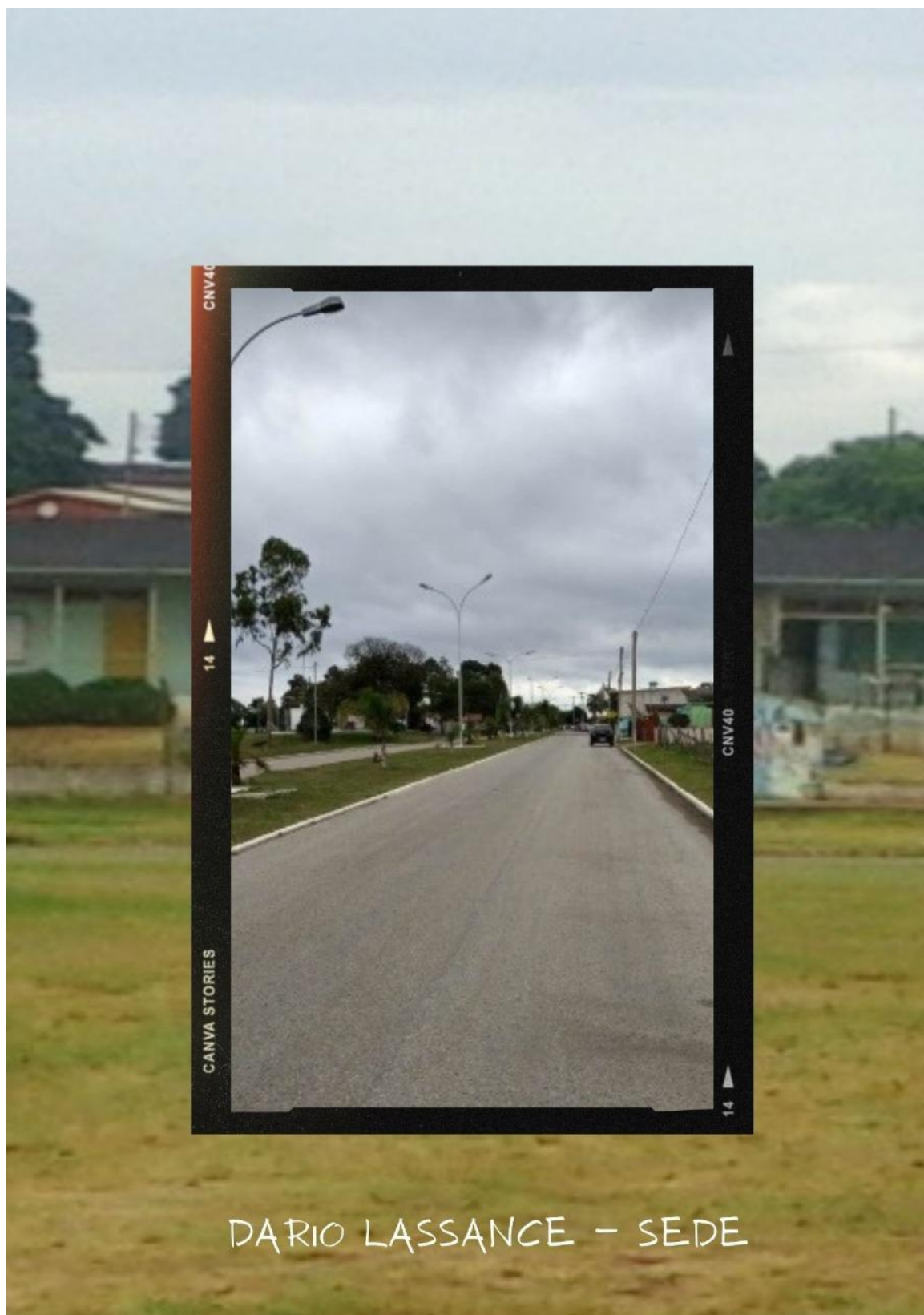


Figura 14 – Sede do município Dario Lassance. Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019.



Figura 15- Dario Lassance (Sede).

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019 e o aposentado João Henrique.



Figura 16 – Núcleo urbano Dario Lassance

Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

A (Figura 16), acima, apresenta o bairro Dario Lassance; tracejada em branco, a Rua 24 de março; em amarelo, a Companhia Riograndense de Mineração (CRM); em azul, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dario Lassance. Tracejados em vermelho, os chalés construídos pela CRM; em roxo, a Prefeitura e a Secretaria de Turismo; em rosa, o posto de saúde; em verde, o mercado; e em laranja, o ginásio municipal.



Figura 17– Aterro Sanitário, sede Dario Lassance, a vila Residencial, a usina e a mina.

Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

Na (Figura 17), estão representados, em rosa à esquerda, a sede do município de Candiota, o bairro Dario Lassance; em azul, a mina Candiota; em vermelho, o aterro sanitário; em laranja, a vila Residencial; e em amarelo, a Usina Presidente Médici.

Atualmente, são depositadas toneladas diárias de resíduos de lixo oriundos de 30 cidades do Estado do Rio Grande do Sul. O aterro sanitário fica em uma área já minerada da Companhia Riograndense de Mineração, de posse da Meio Oeste Ltda. O aterro sanitário de Candiota deve gerar energia a partir dos resíduos do lixo.

O jornal local Tribuna do Pampa publicou, no dia 13 de fevereiro de 2019, as reclamações da comunidade em função do cheiro “supostamente” exalado pelo aterro e que estava chegando até a cidade (TRIBUNA DO PAMPA, 13/02/2019). Ao contrário os/as interlocutores/as afirmam que: se antes os/as moradores/as eram atingidos/as

pela poeira do carvão e pela fumaça de carvão, agora começaram a enfrentar novos problemas, como um mau cheiro, ocasionado pelo aterro sanitário (Fotografia 5).



Fotografia 5 – Aterro sanitário em Candiota.
Fonte: Tribuna do Pampa – Divulgação TP.

Para Heloísa, moradora da sede do município,

A fumaça já incomodou sim, mas hoje com novas tecnologias, os chineses estão investindo em filtros, a fumaça hoje é branca. O que incomoda é o cheiro do lixão. Quando o vento está em direção ao Uruguai é horrível o fedor do lixão. A fumaça incomoda o “homem” que mora no campo (Diário de campo, 14/01/2020).

A narrativa de Maicon, morador da Vila Residencial e filho de aposentado eletricitário, relata o projeto da instalação do aterro sanitário na cidade.

A mina quando tira o rejeito para a mineração têm lugares que se chama cava da mina, como tem mineração aqui tiveram essa ideia, na verdade sempre se usou a cava para fazer e colocar o lixo, um empreendimento veio aqui e olhou essa possibilidade era custo benéfico. O projeto foi licenciado pela Fepam para instalar o aterro sanitário. A comunidade é contra isso, hoje através da Legislação é um dos descartes mais corretos do lixo. Tem dias que a gente não suporta o cheiro (Diário de campo, 21/03/2019).

2.3 Expansão urbana da cidade de Candiota

O espaço urbano em Candiota constituiu-se com vários núcleos urbanos atraídos pelas instalações da Usina Presidente Médici, que fica localizada a 5km da sede municipal Dario Lassance, no traçado da rodovia Miguel Arlindo Câmara. A implantação do complexo das usinas ocorreu em três fases (A, B e C) e originou uma cidade polinucleada formada por vários bairros, distantes entre si de 5 a 20km (IPHAIE, 1994).

No caso da cidade de Candiota, essa polinucleação tem sua parcela produzida por meio das usinas e Vilas Residencial e Operária, que são atrativos aos trabalhadores/as que se apropriaram dos espaços com a finalidade de moradia.

A urbanização promovida através da Companhia Termelétrica trouxe algumas mudanças para a vida da população, para a comunidade do Seival e a comunidade da Vila Airton.

Esta configuração de cidade é composta por bairros que são fisicamente separados, entretanto, o custo com infraestrutura urbana é muito alto justamente em função da sua fragmentação. Já as vantagens, deste desenho de cidade, são a presença de espaços abertos para espaço de lazer, ao incluir os espaços entre os núcleos (Diário de campo, 11/12/2020).

Nesse sentido apresento o mapa dos núcleos urbanos. Mapa com a distribuição dos bairros do município de Candiota. Na (Figura 18) abaixo o desenho da distribuição dos bairros e a espacialização da cidade.

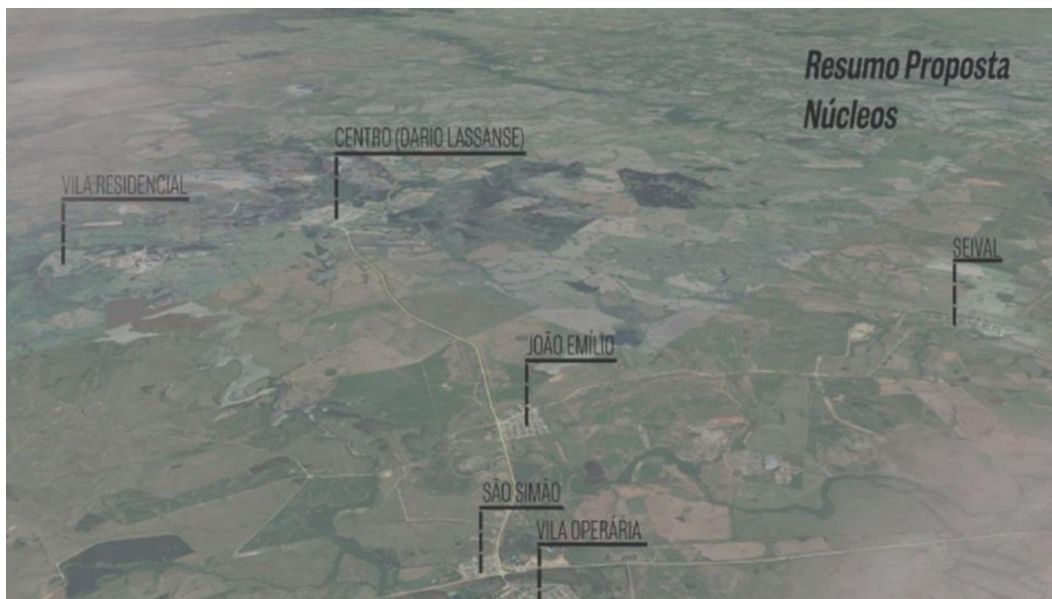


Figura18 – Núcleos urbanos de Candiota.

Fonte: Projeto Planejamento Urbano curso Arquitetura e Urbanismo FAUrb, 2018.

A cidade de Candiota revela certo sentido, no que tange à unidade das relações capital-trabalho. Seguindo as definições do autor Michel Agier (2011, p. 35), a cidade, a partir de suas margens, “[...] podemos então dizer que a antropologia em geral se torna antropologia da cidade no sentido de uma experiência localizada de descoberta e conhecimento.” Essa cidade “vívda, sentida e em processo” é um lugar feito pelos seus cidadãos, o que enfatiza as ideias apresentadas por Michel Agier (2011, p. 38), de “deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos [...] ver a cidade como vive [...] sobre o que é a cidade uma essencial inatingível e normativa para a pergunta sobre o que faz a cidade.”

A realidade territorial de Candiota expõe a fragmentação urbana conforme aponta Orlando Moreira Junior (2010, p. 134), “[...] o fenômeno de segregação urbana se manifesta de modo mais intenso nas metrópoles e cidades de grande e médio porte”, gerada por meio desses processos de produção do espaço urbano polinucleado.

Embora Candiota seja uma cidade de pequeno porte, com cerca de 10 mil habitantes, ela expressa os fenômenos de segregação em razão das diferentes produções econômicas, como a mina de carvão e a indústria de energia. Os núcleos urbanos seguem a disciplina e hierarquia no complexo termelétrico.

Loteamentos e Vilas surgiram no perímetro industrial, principalmente nas décadas de 1960 a 1980. O núcleo urbano da região na década de 1970 pode ser observado por meio da reprodução da (Figura 19).



Figura 19 – Mapa do perímetro urbano Dario Lassance.

Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

Na (Figura 19), está o Dario Lassance, na qual o tracejado em amarelo demarca a Rodovia Miguel Arlindo Câmara, responsável por ligar vários bairros de Candiota. A Companhia Riograndense de Mineração (CRM) está representada em amarelo e as oficinas em azul. O Dario Lassance, representado em vermelho. O tracejado em branco demarca a “cerca da vergonha” que impedia os/as moradores/as de circularem entre os loteamentos Vila Airton e Dario Lassance. Na Vila Airton, demarcada em laranja, lote com residências não planejadas, residiam os/as funcionários/as da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) e de empresas terceirizadas.

Segundo depoimentos de antigos/as moradores/as aposentados/as da Companhia Estadual de Energia Elétrica, há vários relatos de que havia uma diversidade de poderes que se mesclaram na vida local, demarcando diferentes espaços sociais e geográficos na década de 1970.

Uma resistente e alta cerca de arame chamada de “Cerca da Vergonha”⁴, (Figura 20) separava os bairros Vila Airton e a vila dos mineiros, no Dario Lassance, sede domunicípio, onde na época moravam os operários da Companhia Termelétrica de Candiota e da Companhia Riograndense de Mineração (CRM), conforme a fala de Rosana, que residia na Vila Airton. As pessoas cobertas de fuligem de carvão eram excluídas na convivência de pessoas que eram especializados das usinas.

Cerca da vergonha era a separação da Vila Lassance e a Vila Airton, a CRM os prédios eram onde é hoje a atual Praça de Dario Lassance então eles fecharam toda a vila com cerca. Onde tem as casas da CRM era tudo fechado até a Rua Telmo Amstoy, a gente não tinha água encanada, a CRM colocou torneira a gente cortava a cerca, tipo era uma porteira em “V” o governador Pedro Simon (1987-1990) que acabou derrubando a “cerca da vergonha”. Só podiam passar a pé. Quem residia na Vila Airton não podia comprar na Cooperativa da CRM que hoje é a AFUCAN. Na vila Airton tinha um mercadinho (Diário de Campo, 2020).

⁴ Moradores/as que não faziam parte do quadro de funcionários/as da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) eram separados na vila da CRM e, na Vila Airton, composta por quem trabalhava nas empreiteiras, inclusive operários da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), compravam terrenos e/ou alugavam casas.

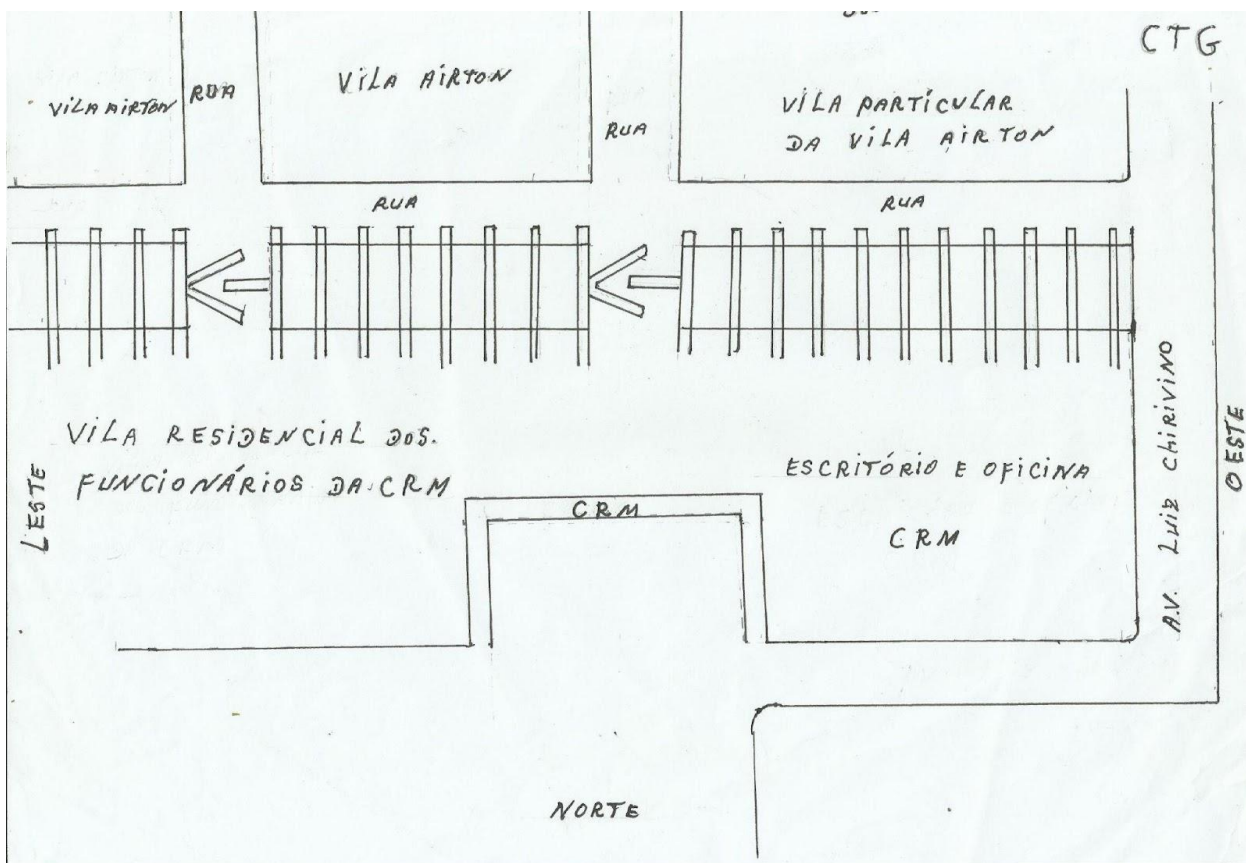


Figura 20- Cerca da vergonha.

Fonte: Autoria do aposentado eletricitário José Adahyr de Lima Silva, 2019.

A Vila Airton se encontrava submersa pelo reservatório das primeiras usinas. Entretanto, esse núcleo urbano já absorvia as centenas de pessoas atraídas pelas obras da Usina em 1961, conforme a narrativa do Sr. Antônio, foi registrada em meu diário de campo:

As usinas chegaram a Candiota trazendo grandes dimensões à época, necessitando edificar uma cidade naquele momento, o pequeno povoado não dispunha de infraestrutura para abrigar a quantidade de pessoas que chegavam todos os dias em busca de trabalho na usina. Assim a aglomeração urbana crescia desordenadamente e improvisada, no sentido de estruturas provisórias, tendo em vista a expectativa criada pela construção das Vilas da usina (Diário de campo, 17/07/2020).

Percebemos, na fala de Antônio, dentre outras questões, que na época em que ocorreu a construção da Companhia Termelétrica e o consequente desenvolvimento da

região promovido pela estatal, perduraram as diferenças entre a Vila Residencial, Vila Dario Lassance e a Vila Airton.

[...] a qual era um campo de pequenas casas, das quais muitas foram construídas com o objetivo de servirem como abrigos provisórios, pois seus moradores/as almejavam pertencer à cidade projetada Vila Residencial e mantida pela Companhia Termelétrica (Diário de campo, 20/07/2020).

Entretanto, a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) não disponibilizou casa para todos os seus funcionários/as nas Vilas Residencial e Operária, então, muitos moravam na Vila Airton provisoriamente.

A Rodovia Miguel Arlindo Câmara estabelece a continuidade física entre os núcleos, entretanto, a relação entre os loteamentos é problemática, demonstrando características conforme a relação com o complexo termelétrico, na fala do professor Maurício Polidori, do curso de arquitetura e Urbanismo FAUrb/UFPel.

Cada loteamento tem a sua própria identidade, grau de autonomia elevado que revela também uma separação física, moral e política entre os moradores da urbe. Nos conflitos, observam-se relatos em que os moradores/as consideram “o meu núcleo é bom, os outros não”. A população silencia frente aos problemas de poluição decorrentes da usina e da extração do minério do carvão, porque as famílias foram financiadas e a cidade se fez à frente da Usina. Os problemas decorrentes da relação da cidade com a usina são de duas ordens: o primeiro é o monopólio e, o segundo, o tempo, pois a vida útil da usina não passa de 25 anos, a energia é tirada debaixo da terra, essa é uma coisa condenada ao desaparecimento. Em razão dos recursos não serem renováveis, a cidade irá viver um colapso. Candiota tem que pensar em começar a produzir outras coisas e a China vai ter que pensar em novas tecnologias (Diário de campo, 11/12/2020).

Com o crescimento industrial, surgem os outros bairros. Na fala da técnica do meio ambiente, Manoela.

Candiota tem núcleos distantes. Na verdade, a cidade é um município pequeno e tem uma exceção industrial muito forte por causa das mineradoras e termelétricas na cidade. A gente tem problemas na expansão urbana, o que acontece são seis bairros distantes que não tem estrutura para o meio ambiente, Temos preocupação no saneamento básico é uma questão que nos preocupa pela densidade demográfica pelo espaço tempo que a gente está tentando trabalhar com isso e caro, a Prefeitura está fazendo investimento em novas ETAS (Estação de tratamento de Esgoto) ETA (Estação de tratamento de água) não conseguimos suprir toda a demanda num tratamento confiável a gente tem falta d'água, pane elétrica, nosso equipamento está monitorado para

atender X de demanda, e a demanda quase dobra temos esse problema. O nosso plano de monitoramento das redes tem uma carga bem menor, gostaríamos que fosse mais. Precisamos de mais investimentos, o grande problema que a gente tem na parte urbanística é o saneamento básico e a saúde, os postos são pequenos a demanda é para um X mas como a parte industrial está muito forte vem muita gente de fora, tinha quase 5 mil pessoas que vieram trabalhar na usina (Diário de campo, 28/03/2019).

De acordo com os relatos, entretanto, vale salientar que parte da estrutura urbana não foi planejada, pois a cidade se desenvolveu de duas maneiras distintas; a primeira, através de um plano de cidade planejada pelas indústrias, conhecidas como Vila Residencial, Vila Operária (Usina Presidente Médici) e o Dario Lassance (Companhia Riograndense de Mineração); e a segunda, com os bairros não planejados, Seival, João Emílio, São Simão e a antiga Vila Airton (vila dos operários das minas), situada no Dario Lassance.

Contudo, se analisarmos os núcleos urbanos, essa qualidade de vida se apresenta de maneira desigual, o que caracteriza os bairros como heterogêneos e segmentados sócio-espacialmente.

De acordo com Donatella Calabi (2012), “as Vilas Operárias são um conjunto compactado de habitações e serviços comunitários [...] são umas das poucas soluções programadas para responder às necessidades dos trabalhadores” (CALABI, 2012, p.17). É necessário, também, assinalar que as Vilas Residencial e Operária, são formadas por um núcleo e setorializadas através da segregação funcional, uma de suas características.

As diferenças entre as Vilas Residencial e Operária não se restringem às habitações, no que se refere à localização e ao padrão construtivo, mas podem se manifestar nos diferentes equipamentos para cada vila.

O sistema usina vila já era utilizado na exploração de carvão desde os séculos anteriores, na Europa. Nota-se que são bem delimitados os espaços de lazer nos quais circulam as famílias eletricitárias. Nesta concepção, Cornelia Eckert (2012), em sua etnografia entre a última geração de mineiros de carvão de La Grand - Combe, na França, mostra como, no país, a companhia apoiou se nas redes familiares e nos grupos de parentesco para compor e recompor a mão de obra, o que motivou uma organização social estruturada em torno das famílias eletricitárias.

Ainda segundo a autora, a Companhia buscou construir uma comunidade de trabalho. O sistema usina e vila não é, evidentemente, exclusividade da indústria de carvão em Candiota. O antropólogo José Sérgio Lopes observou “[...] uma interferência direta e visual da administração da fábrica sobre a vida social extra-fábrica dos trabalhadores” (LOPES, 1988, p.17). A rede de assistência montada pela Companhia Termelétrica implicava controlar totalmente o/a trabalhador e sua família, portanto, uma técnica analisada por Michel Foucault (1987, p. 229): “a vigilância hierarquizada que tem o panoptismo no seu modelo basilar. O panóptico seria uma relação de poder invisível que permite ver tudo permanentemente sem ser visto.”

2.4 Vila Residencial

A vila Residencial (1970) (Figura 21), localizada juntamente ao complexo das usinas, era destinada aos funcionários/as da operação da usina e possui uma característica planejada e construída para os operadores que fizeram parte da Usina Candiota I e da Fase (A) da Usina Presidente Médici.



Figura 21- Mapa Bairro Vila Residencial.

Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

O núcleo urbano pertenceu à Companhia Estadual de Energia Elétrica, conforme a narrativa de Tânia, aposentada eletricitária.

A Vila Residencial é a primeira vila de Candiota. Os operários da obra fizeram a Vila Residencial, a casa onde tu moravas eram casas dos técnicos/as, a casa onde eu moro, eram as casas dos primeiros técnicos/as da CEEE, na Vila Operária não existe casa para engenheiros/as, os chalés eram as casas dos arigós, as primeiras casas foram às canastras, onde hoje é o 'básico', depois fizeram as casas próximas a escola, que era para os arigós (Diário de campo, 13/07/ 2020).

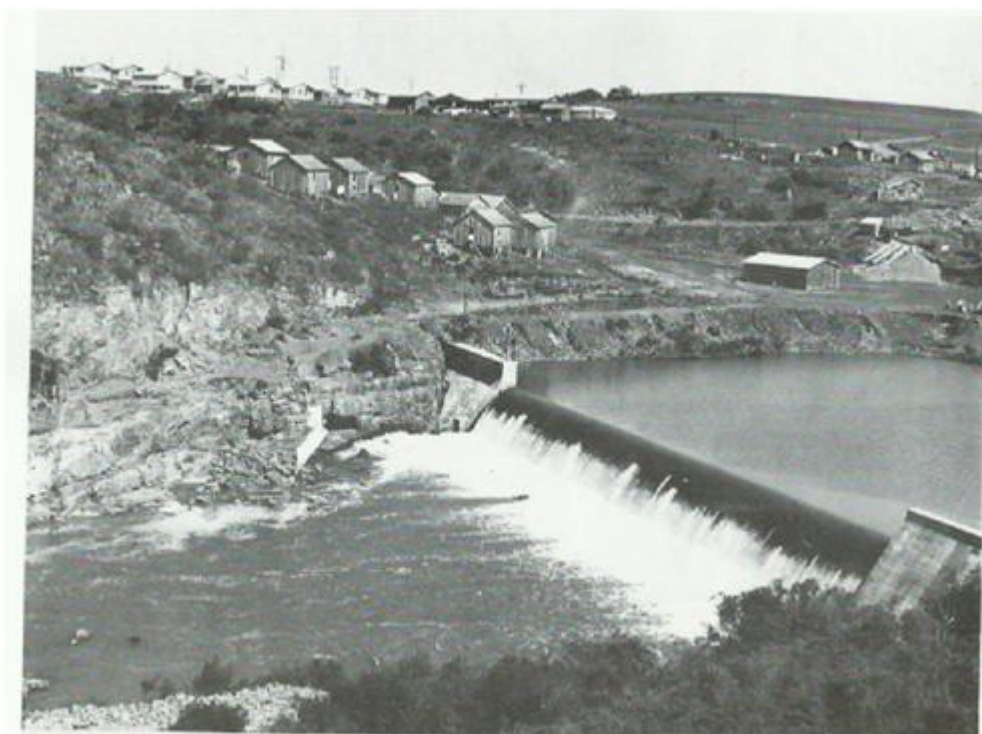


Figura 22 – Canastras.

Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 2021.

Inicialmente, em 1956, foram construídas as canastras⁵, casas provisórias para os trabalhadores da Usina Candiota I próximas ao Arroio Candiota (Figura 22). A construção iniciou cinco anos antes da inauguração da Usina Candiota I, para que a conclusão coincidisse com a data de inauguração (CENTENO, 2011). O local onde foi construída a Usina Candiota I era, anteriormente, chamada de Estância dos Montes, de propriedade da família de Tomé do Monte e Maria da Glória⁶.

⁵ Construções de tábuas de madeira sobre palafitas.

⁶ As terras adquiridas foram desapropriadas pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro, as quais terras faziam parte das propriedades de: Artur José Lucas, Astrogildo Sobrosa dos Santos, Luiz Chirivino, Maria Mendes Chirivino, Maria da Glória Fagundes do Monte, Orlando Silva, Oscar Silveira Brizolara, Laurindo Cardoso Sobrinho, Vicente Corrêa das Silva, Abílio Furtado da Silveira. Declaram de utilidade pública, para efeito de desapropriação pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro, áreas de terrenos e respectivas benfeitorias, no Município de Bagé e Pinheiro Machado, Estado do Rio Grande do Sul (BRASIL, Decreto nº 36.895/1955).

Na década de 1970, foi construída a Usina Presidente Médici Fase (A), imóveis e equipamentos urbanos para os/as funcionários/as, com o objetivo de abrigar apenas os/as operadores/as da Usina. Na fala de Rosana, ex-funcionária da cooperativa CEEE, *“A Vila Residencial era uma vila tipo sede, tinha tudo, farmácia, açougue, Banrisul era o centro de Candiota”* (Diário de campo, 08/07/2020).

O núcleo urbano da Vila Residencial está distribuído em três longas avenidas, ao todo são 38 ruas e 361 casas implantadas em lotes de mais ou menos 10m de testada, cujas imagens estão expostas na prancha da (Figura 23) e (Figura 24). Na paisagem, chamam a atenção os tons vivos que coloreem a maior parte das moradias, pintadas de amarelo, rosa, verde, azul e branco. Há um número menor de velhas casas de madeira pintadas de azul, verde, branco e rosa. Algumas casas tinham um aspecto bem conservado, enquanto outras beiravam o arruinamento. Os pequenos jardins situados na vila Residencial em torno das edificações e as pinturas de suas paredes em tons vivos não são suficientes para amenizar a cor acinzentada nas paredes das casas.

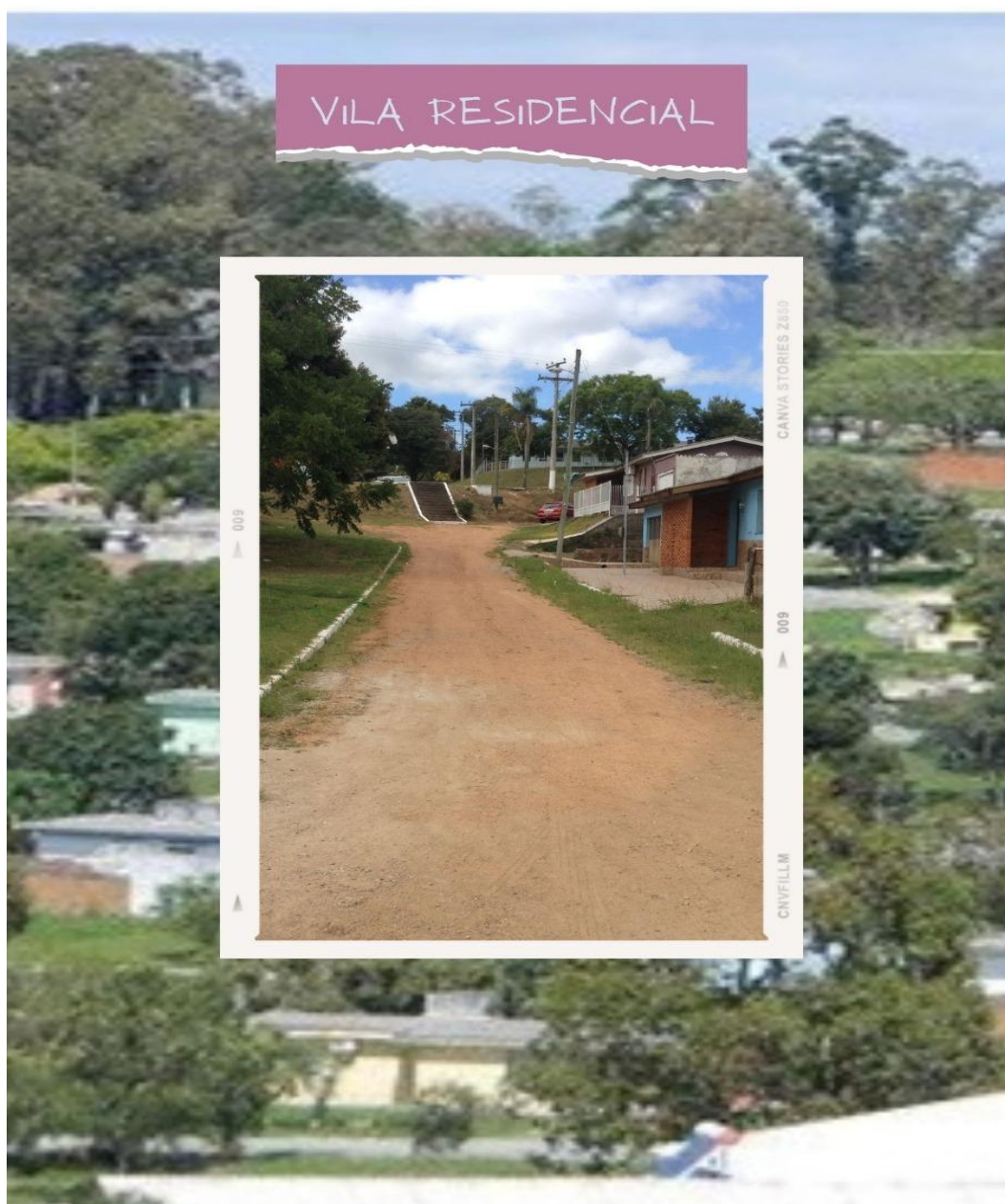


Figura 23 - Núcleo urbano Vila Residencial.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2020 e turma do curso de arquitetura e Urbanismo Faurb, 2019.



Figura 24 – Vila Residencial.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2019; turma do curso de arquitetura FAUrb/UFPel, 2019.



Figura 25 - Mapa Núcleo Vila Residencial.

Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

Na (Figura 25) da Vila Residencial, estão demarcados: Avenida Walter Montanha com tracejado em vermelho, a Rua Pedro Coromberg com tracejado em azul; à direita, em bordô, a praça, em cujo entorno estão a igreja e o antigo centro comercial; à esquerda em amarelo, a quadra esportiva e o campo de futebol; a Avenida Ênio Rodrigues Maurer com tracejado branco; a Rua Percival dos Santos com tracejado em amarelo, e a Avenida Volmar Fumagalli com tracejado em rosa.

As moradias são divididas pelo alto escalão da hierarquia funcional da Usina, no alto da colina, as construções destinadas às famílias dos/as engenheiros/as, no platô médio, as casas das famílias dos/as técnicos/as, e na base, as casas tipo geminadas,

casas de madeira e Climatex⁷, material com isolamento acústico devido à proximidade das casas do complexo termoeletrico, destinadas à/aos trabalhadores/as. Na narrativa da aposentada, Tânia:

As casas perto do clube são as novas casas para os/as engenheiros/as, foram feitas depois, fizeram mais casas para os/as engenheiros/as e os arigós ganhavam casa de madeira ou geminada, os/as técnicos/as ganham casa de alvenaria, 40 anos pra cá todos ganharam casa independente de hierarquia na empresa, em 1989, antes era separado, da CEEE obra e CEEE Usina (Diário de campo, 13/07/ 2020).

Ao longo da Avenida Walter Montanha, conhecida como a “rua de cima”, encontram-se: a academia ao ar livre, a fruteira Raupp, a escola Estadual de Ensino Médio Jerônimo Mércio da Silveira, o antigo prédio em ruínas do açougue Carne Nobre de Bagé (CICADE) e a Brigada Militar, e as casas de madeira e climatex.

Na Rua Pedro Coromberk: a praça, o centro comercial e administrativo onde funcionava o banco, a lancheria, a telefônica, os Correios, a cooperativa de consumo, a igreja, o Hospital Beneficente, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), o Clube Social Recreativo Candiota, e as casas de alvenaria e madeira.

Na Rua Ênio Rodrigues Maurer, conhecida como a “rua de baixo”, estão localizados o campo de futebol, as casas geminadas e de madeira e o condomínio fechado destinado aos funcionários/as chineses que vieram para a construção da Usina Presidente Médici Fase (C). A Avenida Percival dos Santos, onde está localizado o antigo zoológico. Nas palavras de Darlene, “a quadra de tênis, campo de futebol, é muito boa. Comércio não tem, só tem a fruteira Raupp, pouca coisa em Candiota”. (Diário de campo, 07/02/2020). As quadras esportivas (tênis, vôlei e futebol de salão) estão localizadas entre a Avenida Orlando Gonçalves e a Rua Ênio Rodrigues Mauer.

Na narrativa de Gilberto, “A Vila Residencial pertence à estatal, os prédios e casas são da Companhia Estadual de Energia Elétrica e os terrenos da Viação Férrea” (Diário de campo, 25/05/2020). Em razão da proximidade da Vila Residencial com a Usina, por causa das cinzas de carvão que vêm pelo ar, as donas de casa, por vezes, não conseguem estender as roupas no varal. E varrer a frente da casa para limpar a

⁷Climatex são placas de madeira aplicadas como isolante acústico e isolante térmico. Fonte: www.climatex.ind.br. Acesso: 31 jul. 2021.

fuligem na calçada é atividade cotidiana. Durante uma das minhas caminhadas, por volta das 08h30, percebi o movimento das donas de casa, varrendo a calçada, colocando o lixo de casa na lixeira da rua, cumprimentando os/as vizinhos/as.

2.5 Vila Operária

A Vila Operária, conforme a prancha (Figura 26), foi construída no outro lado da BR 293, em 1980. Na fala de Cristiano, sobrinho de eletricitário aposentado, *“Os bairros são diferentes, eu sou da época que quando eu ia à vila operária tinha uma guarita com uma cancela, pediam a identificação. Só entrava na vila operária com autorização”* (Diário de campo 08/11/2020).

Trata-se de uma pequena aglomeração, composta por uma série de casas de pequeno porte, mais afastadas do complexo das usinas, para os/as funcionários/as da obra Usina Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e os/as franceses/as e cariocas que vieram trabalhar na obra da Fase (B), na década de 1980, conforme Gilberto, aposentado eletricitário, residente na cidade de Bagé.

A Vila Operária foi construída de forma planejada, foi feita através de um estudo dos ventos, por isso ela ficou tão longe da usina, hoje não temos problemas de poluição, o meio ambiente é rigoroso com a fiscalização e há outras ferramentas que evitam a dispersão de cinza pela chaminé, mas teve uma época que não tinha tanto rigor nas leis ambientais e a vila residencial era prejudicada pela cinza, então resolveram ampliar a usina para Fase (B), que teve a necessidade de construir outro núcleo operário longe da poluição da usina (Diário de campo, 25/03/2019).

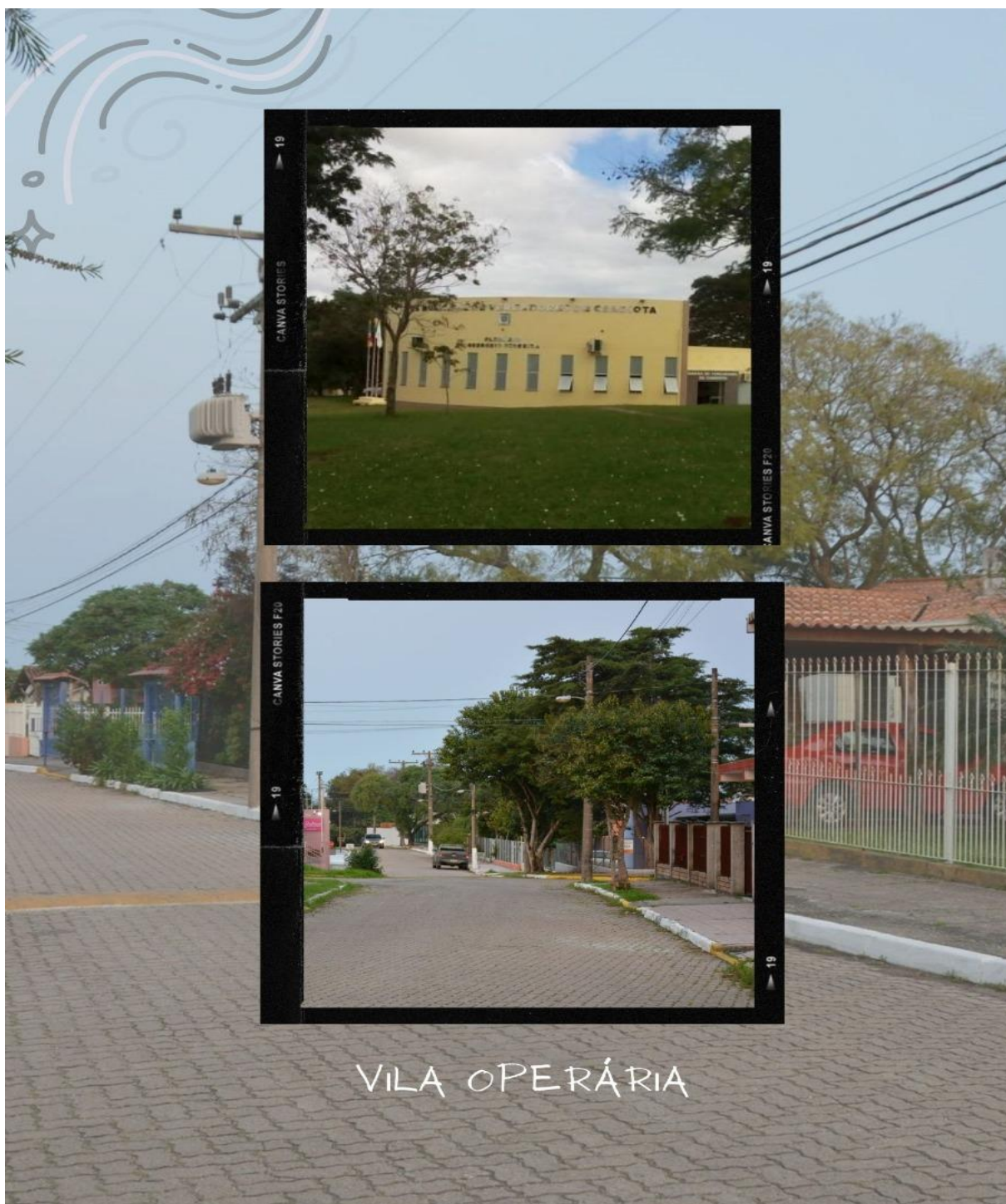


Figura 26 - Núcleo Vila Operária.

Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva e do aposentado João Henrique, 2019-2020.



Figura 27 – Mapa Núcleo Vila Operária.

Fonte: Google Earth, 2021. Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2021.

O núcleo urbano da Vila Operária bairro residencial é distribuído em uma longa Avenida, a Rua Vinte, e conta com 23 ruas e 486 casas implantadas em lotes de mais ou menos 5m de testada, onde, no início, residiam aqueles trabalhadores dos escalões mais inferiores: carpinteiros, pedreiros e mestres de obra.

Na (Figura 27), o traçado branco é a principal Avenida da Vila Operária, Rua Vinte, onde estão localizados a praça, a igreja, representada em laranja, e o antigo centro comercial, representado em azul. O traçado em vermelho acompanha a Rua Cinco, onde está localizada a Escola Estadual Francisco Assis Rosa de Oliveira (FARO), representada em amarelo. O traçado em amarelo destaca a Rua Quatorze, onde estão localizadas as casas de madeira.

Nas ruas laterais da vila Operária, como a Rua Quatorze (demarcada em amarelo), estão as casas de madeira destinadas aos operários e suas famílias. As casas de madeira destoavam em cores, modelos de cerca e altura dos muros, saindo do regime da empresa de disciplinarização dos espaços.

No centro da Vila Operária, estão as casas de alvenaria que, na época da construção da Fase (B), foram destinadas aos funcionários/as técnicos/as franceses e funcionários/as vindos do Rio de Janeiro para Candiota para a conclusão da construção e operação da Usina Presidente Médici Fase (B).

O aspecto das ruas internas revelou a padronização das casas, distintas entre si apenas pelas modificações realizadas pelos habitantes. A estrutura original das casas também foi alterada por anexos e “puxadinhos”. Na fala de Luciana, “[...] *na Vila Operária, muita gente foi embora, as casas foram vendidas, tem muitos que não compraram, hoje na vila operária está tudo parado. Na década de 1990, só residiam nas vilas os funcionários da Companhia*” (Diário de campo, 24/07/ 2020).

Pela principal Rua Vinte, onde estão localizados a lancheria, a igreja, as antenas de telefone, o antigo centro comercial e administrativo onde funcionava o banco, os Correios, a padaria e lancheria, a banca de revista e o instituto de cabeleireiro, a academia ao ar livre, a praça, a escola Estadual Francisco de Assis Rosa de Oliveira (FARO) localizada na rua cinco esquina Rua Vinte, o comércio vestuário, o ginásio, a rodoviária, a pista de skate, as Secretarias de Obras e de Educação da Prefeitura, parada de ônibus, a Rua Vinte arborizada e a Câmara de Vereadores.

A Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica - Eletrobras (CGTEE) foi oriunda da cisão da antiga Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), período 1997 a 2020. Conforme a narrativa de Eduardo, filho de eletricitários/as aposentados/as residente da Vila Operária, a partir das décadas de 1990 e 2000, a Companhia começa a reduzir seus investimentos, desfazendo-se do seu patrimônio e dos encargos decorrentes de sua manutenção, consequentemente, diminuindo os investimentos sociais, incluindo aqueles relacionados ao lazer.

A Companhia também se desfez de seus patrimônios públicos nas Vilas Residencial e Operária – praças, igrejas, serviços urbanos, antigo centro comercial, o Clube Social Recreativo Candiota, as quadras esportivas e o campo de futebol, e dos

encargos decorrentes de sua manutenção, passando-os para a Prefeitura (Diário de campo 04/07/2021).

Ainda segundo Eduardo, a Companhia também começou a diminuir os seus encargos com moradias para funcionários/as, vendendo as casas da Vila Operária que foram regularizadas e vendidas pela Caixa Econômica Federal, de preferência, para os/as eletricitários/as aposentados/as a um preço acessível. Na fala de Luciana, esposa de eletricitário aposentado e residente da Vila Operária, *“nem todos/as os/as moradores/as compraram as casas e continuaram residindo nelas”* (Diário de campo, 17/10/2020).

Em 2020, a Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil- Eletrobras CGT Eletrosul passou ao domínio do Governo Federal, passando a se chamar CGT Eletrosul, uma das subsidiárias da Eletrobras, vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Com a privatização da Usina Presidente Médici Fase (C) pelo Governo Federal, os terrenos e imóveis das Vilas Residencial e Operária poderão ir a leilão e as famílias poderão perder suas casas. Essas famílias vivem há seis décadas nas Vilas Residencial e Operária, área que atualmente pertence à Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil Eletrobras CGT Eletrosul (DIÁRIO POPULAR, 21/07/2021).

Porém, as Vilas Residencial e Operária foram construídas pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) para a moradia dos/as operários e famílias. Com o passar dos anos, muitos funcionários/as se aposentaram e foram deixando o local, retornando para suas cidades de origem, emprestaram e/ou venderam as casas para os atuais compradores. Na narrativa de André, neto de eletricitário aposentado, residente da Vila Residencial, atualmente, *“a Defensoria Pública do Estado iniciou uma operação para defender o direito à moradia das famílias ameaçadas de perderem suas casas”* (Diário de campo, 01/07/2021).

Outros temem a decadência na qualidade de vida e acham que a Prefeitura Municipal não consegue manter o bom funcionamento das Vilas Residencial e Operária. Existem, ainda, os que demonstram uma preocupação maior em prolongar os vínculos estabelecidos pelo mencionado.

3 O habitar Candiota na perspectiva das famílias eletricitárias

A partir das narrativas das famílias eletricitárias sobre o habitar a cidade de Candiota, busco pensar as relações destas com a cidade e com a Usina Termelétrica Presidente Médici. Na percepção de Tim Ingold (2010) “Ao habitar o mundo, somos envolvidos pelos múltiplos traços históricos e culturais que foram incorporados na paisagem” (CARVALHO, STEIL, 2012, p.240 apud INGOLD, 2010). Evidenciam-se, nesse sentido, as relações entre trabalho e moradia no processo de constituição das Vilas Operárias e Residencial desde os primeiros alojamentos provisórios para os/as trabalhadores/as da Usina e, por conseguinte, na implantação de uma cidade polinucleada.

O conceito de narrativa ajuda a desvendar como se articulam as várias camadas de tempo que constituem a vida das famílias eletricitárias. Conforme as autoras Ana Rocha e Cornelia Eckert (2011, p. 34), “[...] toda narrativa biográfica de um personagem contempla uma ligação estreita com a intriga dos acontecimentos que regem as suas experiências urbanas”.

As narrativas dessas famílias, por vezes silenciadas, são “[...] parte integrante das culturas minoritárias e dominadas que se opõem à memória oficial” (POLLAK, 1989, p.3-15), no que pese sua adesão ao discurso oficial em razão do projeto de vida de Gilberto Velho (1981), objetivando a melhoria de vida. Conforme o autor, “a noção de projetos consiste em uma ação consciente de planejar o futuro a partir da avaliação das condições do presente, implicada na noção de que os indivíduos escolhem, ou podem escolher a base, o ponto de partida para se pensar em projeto” (VELHO, 1981, p. 24). Esse caminho, permite perceber que as versões criadas e narradas pelos/as interlocutores/as como “memórias subterrâneas” que dimensionam as oportunidades e os riscos de morar em Candiota, em uma vila residencial que integra um complexo de usinas termelétricas.

Destacam-se os conflitos na relação das famílias com a Companhia, uma vez que o tempo de ativação de cada fase do complexo termelétrico rege a vida dos/as trabalhadores/as e o viver em Candiota, um tempo estimado de vinte cinco anos. Enquanto que o habitar a cidade para estas famílias se constitui em projeto de

ascensão social implementado por intermédio do trabalho na Usina, implicado no estabelecimento dos laços de reciprocidade entre iguais, na comunidade hierárquica das famílias eletricitárias.

3.1 Trabalho e moradia: fatores atrativos para viver em Candiota

Celina, 70 anos, viúva, mãe de três filhos, é natural de Pinheiro Machado. Atualmente, ela reside no bairro Dario Lassance. Ela é aposentada da Companhia Estadual de Energia Elétrica desde 1997, trabalhou na Usina I e na Usina Presidente Médici, onde exerceu a função de faxineira e fez concurso interno, passando a exercer cargo no setor administrativo da Companhia. Na época, segundo Celina, *“as mulheres dentro da Usina I eram poucas”*, e aponta ela que a rotina de serviço era extenuante. Celina veio para Candiota com o objetivo de melhorar de vida. O seu falecido marido trabalhava na mineração na Companhia Riograndense de Mineração e na Companhia Estadual de Energia Elétrica.

Ela conta que saiu de Pinheiro Machado e se deslocou para trabalhar na Usina Candiota I por intermédio de propagandas que, na época, eram divulgadas no rádio com o objetivo de atrair trabalhadores/as para a Usina. Um dos primeiros problemas enfrentados por ela, na chegada a Candiota, foi a moradia, pois quando veio era recém-casada. Falou da sua expectativa de migrar para Candiota para *“adquirir”* uma casa nas Vilas Residencial e Operária e do seu trabalho na Usina Presidente Médici. *“Fiz o almoço de inauguração da Usina Presidente Médici só ganhei um guardanapo (risos). Na época da obra da Fase (B), a construção francesa, os franceses eram legais e bem animados. Fizeram uma festa surpresa no meu aniversário e fiquei bem contente”* (Diário de campo, 14/01/2020).

Ainda, *“eu participei de tudo aqui em Candiota, vi as construções das casas, vi Candiota se emancipar, gosto de Candiota”* (Diário de campo, 07/01/2020). Segundo Celina, a prioridade das casas era para os funcionários/as qualificados. *“Na década de 1970, residi na Vila Airton, tinha cerca da vergonha, divisão entre a Vila Airton e a Vila dos Mineiros. Sofri muito passando pela vila dos mineiros para pegar água, tínhamos*

horários pela manhã e à tardinha para buscar água de balde” (Diário de campo, 07/01/2020).

Celina relata que demorou anos para conseguir casa na Vila Operária, pois, segundo ela, a Vila não estava terminada e existiam prioridades estabelecidas. Antes de receber a casa na Vila Operária, a trabalhadora conta que recebia ajuda de custo da empresa, pois os/as funcionários/as casados tinham esse direito, enquanto, para os/as trabalhadores/as solteiros/as, havia alojamento. Ao narrar a época em que morou na Vila Operária, várias são as lembranças da vizinhança e das festas financiadas pela Companhia. Fala, ainda, sobre os motivos que os levaram a permanecer em Candiota após sua aposentadoria, antes de tudo, *“a oportunidade de adquirir sua casa própria e continuar vivendo em um lugar com o qual já estava acostumada”* (Diário de campo, 07/01/2020).

Cláudia, 60 anos, aposentada eletricitária, filha do aposentado eletricitário João, atualmente reside na cidade de Bagé, morou em Candiota no período de 1961 a 1992. Cláudia chega a Candiota em 1961 junto com sua família para morar na Vila Residencial, pois seu pai trabalhava na Usina Candiota I. Seu pai, João, veio primeiro para trabalhar na Usina como chefe do Almoxarifado e diretor do Hospital da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). No decorrer da década de 1960, João conseguiu o direito de morar em uma casa de alvenaria na Vila Residencial. No começo, relutou em levar a família para Candiota, como narra Claudia: *“Aí ele ganhou casa, né?”* (Diário de campo, 12/09/2020).

Tânia, 62 anos, que reside com sua família na Vila Residencial desde 1986, decidiu permanecer na cidade mesmo após a aposentadoria da Usina Presidente Médici, em 2005. Natural do município de Hulha Negra, migrou para Candiota para melhorar de vida. (Diário de campo, 17/07/2020).

Conforme a narrativa de **Cristiane**, *“faz 18 anos que moro em Candiota, iniciei na Prefeitura de Candiota. Fiz concurso para a CGTEE em 2002. Candiota ‘me deu’ tanta coisa boa. Meu sonho é me aposentar ano que vem e ir embora, a empresa paga bem, paga escola para meu filho em Bagé, meu guri só fez a pré-escola em Candiota, ensino fundamental e médio na cidade de Bagé”* (Diário de campo, 28/11/2020).

De modo geral, na trajetória das famílias eletricitárias, a moradia cedida pela Companhia se destaca como um fator de atração, importante para a fixação dos/as trabalhadores/as na cidade. Muitos deles saíram dos seus locais de origem ainda jovens, buscando uma oportunidade de trabalho para a manutenção das famílias e implementação do projeto de ascensão social.

Conforme a narrativa do aposentado **Alceu**, 70 anos:

Eu estava em Pelotas, lecionei no SENAI, tinha 30 anos, jogava vôlei, estudei na escola Técnica de Pelotas. Fui para Candiota em 1981, fui a Porto Alegre me inscrever para o concurso, só deram o resultado em agosto de 1981, assumi o cargo em 1982. Antes de ir trabalhar em Candiota fiz um curso de um mês em Porto Alegre, recebi a proposta de ser sócio do Sindicato e da Associação CEEE. Fiz curso técnico de Aperfeiçoamento e Formação do Grupo CEEE (CETAF), tinha casa da CEEE para se hospedar. No CETAF fiz o curso Introdução Candiota, quem nos dava aula era a turma de Candiota sobre instalação elétrica, química e física. Química por causa da água na caldeira. Fui para Candiota em 1982 começando a copa do mundo, o ônibus era verde e amarelo da empresa Anversa. A estrada era uma buraqueira de Bagé e Candiota era linha Vila Operária a Vila Residencial. Eu residia em Bagé na década de 1980, porque eu trabalhava de turno, tinha as folgas e ficava mais fácil eu ir e voltar. Minha esposa ministrava aula em Bagé. Depois fui morar em Candiota, morei nos alojamentos na Vila Operária e depois fui para Vila Residencial, depois voltei a morar em Bagé (risos). Comecei a trabalhar no normal, voltei para Candiota, na Vila Residencial (Diário de campo, 12/02/2021).

3.2 O cotidiano nas Vilas Residencial e Operária

Este item analisa a vida cotidiana das famílias eletricitárias do operariado da Usina Presidente Médici, na cidade de Candiota, nas Vilas Residencial e Operária. Nesse sentido, trago como referência Michel De Certeau (1998) para entender que a vida cotidiana não é uma simples repetição, mas invenção. Adoto o conceito de cotidiano de Michel De Certeau, como criação diária, construção poética, rotinas e repetições. Na observação do autor, “[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia, nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente” (CERTEAU, 1998, p. 31).

Ao narrar, os/as interlocutores/as foram construindo enredos sobre os fatos vividos em que eles não só se situam, mas também situam os/as outros/as moradores/as com os quais compartilham a dinâmica social das Vilas Residencial e

Operária. Nessa recriação, olha-se o passado para dimensionar o presente, o cotidiano das Vila Residencial e Operária é reorganizado em torno dessas experiências que se reduplicam na formação da cidade.

Na Vila Residencial, às 07h30, começa a movimentação dos/as operários em direção às indústrias Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil Eletrobras CGT Eletrosul e InterCement. Os funcionários/as são transportados para o trabalho nos ônibus alugados pelas empresas carboníferas, que saem das Vilas e bairros às 07h40 e retornam ao meio-dia. Após o almoço, às 13h, tudo se repete e, às 17h, o expediente termina, pelo menos para aqueles que não trabalham no regime de turno.

Na narrativa de Gabriela, filha de eletricitário aposentado: *“A Vila Residencial é deserta, sempre foi assim, as famílias ficam em casa e no pátio.”* (Diário de campo, 16/10/2020). E, na narrativa da aposentada, Celina, *“O padre me comentou que ia fazer missa na Vila Residencial e não havia ninguém. Atualmente, só há missa no Dario Lassance, e a igreja da Vila Operária está fechada. Aqui em Candiota onde tem mais movimento é no Dario Lassance”* (Diário de campo, 13/01/2020). No Dario Lassance, (Fotografia 6), onde está localizado o banco, o correio, a lotérica, o comércio vestuário, o mercado, a fruteira, o açougue, a padaria e a farmácia, o movimento da sede do município acompanha a dinâmica dos horários comerciais e bancários.



Fotografia 6 – Sede do município de Candiota (Dario Lassance), onde está localizado o comércio.
Fonte: Autoria de Rosilene Oliveira Silva, 2020.

Na narrativa de Joana, *“a Vila Operária está bem vazia, já a rodoviária e a câmara de vereadores são os locais com maior circulação de pessoas. As pessoas que residem nas Vilas Residencial e Operária são funcionários/as que trabalham na usina, pela manhã e à noite. Alguns dormem de dia para trabalhar a noite e alguns dormem a noite para trabalhar de dia”* (Diário de campo, 16/10/2020).

Na Vila Operária, também se observa, ao amanhecer, o movimento de transporte interurbano na rodoviária, em função dos/as funcionários/as das empresas empreiteiras estarem retornando para as suas cidades de origem, Bagé e Pinheiro Machado, depois do trabalho no turno da noite. Os jovens e adultos que estudam nas escolas técnicas e Universidades na cidade de Bagé aguardam o transporte escolar na Rua Vinte. Durante a tarde, as crianças vão para a escola Francisco de Assis Rosa de Oliveira (FARO), localizada na Rua cinco na Vila Operária. Nas segundas-feiras à noite, o movimento se concentra na Câmara de Vereadores devido às sessões plenárias.

Numa descrição do cotidiano da Vila Operária, os ritmos das vidas dos/as moradores/as estão disciplinados/as pelos deslocamentos da casa para o trabalho e do trabalho para casa para a maioria dos homens. em contrapartida, no caso das

mulheres, esses deslocamentos ficam “restritos” tanto aos espaços domésticos quanto às atividades de sociabilidade na vizinhança, entre amigos/as ou parentes, pois poucas têm cargo na Companhia. Na fala de Joana,

Na Vila Operária, está tudo parado, não tem nada. Temos dois mercados, agora com a covid 19 piorou, não tem movimento de pessoas. A maioria dos moradores/as da Vila Operária são da CEEE, a mesma vendeu as casas, tem gente que não comprou. O movimento aqui só na rodoviária (Diário de campo, 17/10/2020).

Atualmente, os/as aposentados/as eletricitários/as se reúnem no Centro do Idoso no Dario Lassance, praticam esportes e participam de oficinas de cidadania. O CTG Candeeiro do Pago situado na Vila Residencial e o Centro de Referência de Assistência Social, que tem curso de violão, são lugares de sociabilidade dos jovens que residem nas Vilas Residencial e Operária. Na fala da filha do eletricitário aposentado, Gabriela,

O Núcleo mais desenvolvido é o Dario Lassance, tem a Prefeitura, o Banco, o comércio, já na Vila Residencial e Operária é área residencial criada pela CEEE. A cidade evoluiu em função das usinas. O Seival está abandonado, em ruínas. Lazer as pessoas não têm em Candiota, eu trabalho na prefeitura e meu esposo na usina a gente vai e volta. Algumas pessoas vão para a prainha ou para Bagé, Pelotas e Pinheiro Machado. Em Candiota o comércio é restrito. Os jovens estudam em Bagé, Candiota, não há universidade, algumas crianças estudam em Bagé, vão de van. Algumas famílias foram embora para dar estudos aos filhos. Hoje em Candiota se encontra o pessoal que trabalha na prefeitura e nas usinas (Diário de campo 16/10/2020,).

Nos fins de semana, são dias geralmente de visitas a parentes, idas à igreja, partidas de futsal no ginásio municipal no Dario Lassance. Os times das Vilas Operárias e bairros são tradicionais, um time de futebol composto por 1ª time titular, 2ª time reserva, 3ª time juvenil e 4ª time de veteranos.

É notável a presença de moradores/as, tomando chimarrão no pátio interno da casa, passeando com o cachorro. O morar nas Vilas Residencial e Operária é valorizado por não pagarem aluguel, pelos serviços de educação dos/as filhos/as e saúde, viabilizados pelo complexo das Usinas.

Nas lembranças de Eduardo, a Companhia promoveu uma série de atividades no tempo do não trabalho. O incentivo aos esportes e a promoção de atividades de socialização, como bailes e shows musicais com a participação dos/as trabalhadores/as

e seus familiares. Destaca-se, principalmente entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, a realização de festas, torneios esportivos, entre outras comemorações. Entretanto, o lazer era praticado de forma a separar os/as trabalhadores/as mais qualificados/as daqueles/as com menos qualificação. As atividades destinadas à/aos trabalhadores/as menos qualificados/as e suas famílias consistiam em domingueiras no CTG Batalha do Seival, bailes no clube Latão, organizados pela Companhia. Já para os/as trabalhadores/as graduados/as da empresa e suas famílias, as festas eram no Clube Social Recreativo Candiota e no CTG Candeeiro do Pago. Destacavam-se os bailes de carnaval, festa junina e a semana farroupilha (Diário de campo, 04/07/2021).

É muito comum ouvir dos/as interlocutores/as que as Vilas Residencial e Operária são um ambiente familiar. Essas expressões ressaltam dois aspectos na convivência diária com os/as vizinhos/as, (ex-)colegas de trabalho. Os/as moradores/as se encontram e convivem num território restrito, como são as Vilas Residencial e Operária, onde todos se conhecem e se reconhecem a partir da hierarquia de trabalho da Usina.

Nas palavras da aposentada eletricitária Celina, *“criei meus filhos/as e netos/as em Candiota. Não tenho planos de sair daqui. Aqui tenho meus amigos/as, frequento o Centro do idoso, onde reencontro meus colegas da CEEE, vamos aos bailinhos, jogamos vôlei. Aqui todo mundo se conhece, somos uma família”* (Diário de campo, 07/01/2020). Em outra oportunidade, converso com Celina, que me diz: *“Eu amo Candiota, aqui dei estudos aos meus filhos, só vou embora daqui o dia que minha filha também for embora”* (Diário de campo, 17/07/2020).

No decorrer das narrativas, o habitar a cidade evoca a imagem de um tempo-espaço no qual traçou, em grande medida, uma trajetória profissional bem-sucedida, um tempo em que os/as eletricitários/as tinham valor. Experiência que é avaliada no momento da aposentadoria dos trabalhadores/as da Usina. Em alguns momentos, esse tempo vivido na cidade de Candiota assume a feição de um tempo que não volta mais.

Nas narrativas dos habitantes aposentados/as das Vilas Residencial e Operária, nota-se a nostalgia desse passado que não se perde na memória. Um tipo de sociabilidade, que dizem ter desaparecido hoje, mas em décadas passadas animava a comunidade. Eram as festas promovidas em torno da Companhia ou pelo comando da

empresa, jantares, churrascos e outras confraternizações que envolviam funcionários/as da CEEE. O encontro dos habitantes dos núcleos operários aconteciam nos chás, onde as esposas dos engenheiros e dos/as funcionários/as da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) se encontravam no Clube de Mães, administrado pela Companhia, e no Clube Social Recreativo Candiota, CTG Candeeiro do Pago e Batalha do Seival.

Em contrapartida, na narrativa, em outro momento, da aposentada Celina, *“em caso de acidente na usina, haverá o toque das sirenes, e as pessoas conforme sua localidade, irão aos pontos de saída do local onde residem”* (Diário de campo, 07/01/2020). A usina apresenta sistemas de sirenes de emergência. O risco de acidente é motivo de preocupação de quem vive próximo à usina, risco que permeia o cotidiano da cidade. Da mesma forma, aparecem muitas reclamações das pessoas que moram em torno do núcleo de mineração em função das explosões, ligadas diretamente à empresa mineradora. Na fala de Eduardo, *“[...] na Vila Residencial, a população sofria com o barulho das explosões da mina. As casas têm rachaduras nas paredes e vidros quebrados. As pessoas que vivem próximas a área de detonações são as que mais sofrem com a poeira e barulho”* (Diário de campo, 04/07/2021).

Assim, em razão dos problemas com relação ao morar em Candiota, o aposentado Alceu diz que: *“morar em Candiota foi só para trabalhar, me aposentar e ir embora. Nunca fiz planos de morar em Candiota. Muitos se aposentam e não entregam as casas, ou deixam os parentes. Nunca tive vontade de ficar em Candiota”* (Diário de campo, 17/03/2021).

3.3 A ambientalização dos problemas sociais

Neste ponto, remete-se ao antropólogo José Sérgio Leite Lopes (2006), sobre a ambientalização dos problemas sociais, isto é, quando as análises sobre os conflitos são confrontadas com os riscos de poluição, como *“[...] um processo histórico de construção de novos fenômenos, [...] relacionado com a poluição, como uma nova questão social pública”* (LOPES, 2006, p.34).

Embora presente durante todo o ciclo carbonífero na região de Candiota, o problema da degradação ambiental gerada pela atividade de exploração de carvão mineral, apesar de sua relevância objetiva, somente passou a ser vista com apreensão pela população local a partir dos anos 1980. A exploração de carvão na região gerou um passivo socioambiental (danos causados ao meio ecológico e social). Na narrativa do aposentado eletricitário Gilberto:

Os estrangeiros trouxeram o progresso para a região, devido à poluição a vila Operária foi construída a 10 km de distância, na época a poluição era horrível na década de 1980 a 2010, com a nova tecnologia dos chineses com a utilização de cal não se forma a chuva ácida os chineses compram cal da cidade do Uruguai Trinta y três. [...] Os estrangeiros ajudam na administração da cidade, saúde, lazer e cultura, mas ao mesmo tempo causam dano ao meio ambiente (Diário de campo, 25/05/2020).

Um dos problemas mais notáveis, no que tange à operação da Usina Presidente Médici, é a fumaça expelida pela chaminé, que é como os/as moradores/as da localidade descrevem os episódios de emissão de materiais que poluem a atmosfera das Vilas e dos bairros. Consequentemente, surgiram as primeiras denúncias sobre a “chuva ácida” na região do Uruguai em 1980 (RÓTULO, 2003). Na narrativa de Paola:

A chuva ácida não temos aqui, ela vai embora, há um sistema de equipamento da CGTEE que a usina mais velha tinha e falha que ela emitia uma quantidade de partículas bem grande, quando o sistema de elevadores eletrostáticos está ligado que foi agora a Fase C que trouxe esses equipamentos, os filtros novos e tranquilo, mas nem sempre existiu, a tecnologia da nova usina é boa, tecnologia usada nela é de última geração, o que define que vai ser boa é a manutenção, quando o filtro dá problema eles levam 3 meses para trocar o filtro, mas a chuvarada de cinza não temos mais. Em relação a chuva ácida, quando eu estava na faculdade, fui estagiária da CGTEE quando eu estava lá, se falava na chuva ácida aqui e no Uruguai, veio a UFSM e a UFRGS fazer análise, fizeram trabalho de monitoramento e nunca se conseguiu provar a existência da chuva ácida em Candiota e no Uruguai. No caso da Usina Presidente Médici a chaminé nem se comparava com a tecnologia que tem a Fase C. A fase A e B estão desativadas, a gente pode admitir que existe poluição, mas a questão da chuva ácida tem controvérsias (Diário de campo, 23/03/2019).

As tensões e conflitos entre esses diferentes grupos já foram observadas e analisadas por Daniel Rótulo (2003). Segundo esse autor, isso mobilizou políticos do Uruguai que fizeram denúncias em relação ao dano ambiental supostamente causado

pela Usina Presidente Médici sobre a fauna, flora e agricultura e, conseqüentemente, à saúde humana, tanto no Rio Grande do Sul, quanto além da fronteira com o Uruguai.

De acordo com o autor, existia uma situação de poluição transfronteiriça, que estava causando danos aos departamentos de Cerro Largo e Treinta y Tres, na fronteira com o Rio Grande do Sul, particularmente, à economia da pecuária extensiva⁸. A fonte que causava aqueles danos, na percepção da população do Uruguai, era a Usina Termelétrica Presidente Médici. Nessa época, as discussões sobre a chuva ácida⁹, começam a ter visibilidade e repercussão na imprensa, refletindo-se também no Brasil e, de alguma forma, em Candiota (RÓTULO, 2003).

A polêmica em torno do projeto de mineração em Candiota foi instaurada e polarizou o debate público entre os grupos contrários que discutiam os impactos ambientais, especialmente no Uruguai, e aqueles favoráveis ao “desenvolvimento” de Candiota. Remete-se, aqui, à dissertação de Viviane Camejo Pereira (2013), cuja análise se refere às representações sociais da atividade carbonífera em Candiota, o núcleo central destas representações no município é dado pela expressão de “crescimento econômico”. Foram identificados pela autora outros elementos associados à atividade carbonífera, como: emprego, qualidade de vida, razão de existência do município, energia e atuação de investimento.

Assim, após a reclamação do país vizinho, foi criado o Departamento do meio ambiente na usina (RÓTULO, 2003). De acordo com o Jornal Minuano, em matéria de 10 de junho de 2019, a Usina Termelétrica Presidente Médici, controlada pela (CGT), e a Usina Pampa Sul, sob responsabilidade da Engie Energia, ambos os complexos termelétricos contam com equipamentos com tecnologias de ponta para mitigar as

⁸ Os governos dos dois países buscaram a realização de um monitoramento conjunto, possivelmente, reflexo dessas discussões e do que já se debatia no contexto nacional e internacional a respeito da poluição transfronteiriça. A UTPM era acusada de causar danos à economia da região fronteiriça, particularmente sobre os rebanhos bovinos e ovinos (Ministerio de Vivenda Ordenamiento Territorial y Medio Ambiente de Uruguay, 2000 apud RÓTULO, 2003, p. 7). Os governos do Brasil e Uruguai entraram em um processo de negociação. Como resultado, foi assinada, na década de 1990, a Ata de Jaguarão, documento que marcou o início de uma série de monitoramento em conjunto. O monitoramento foi implementado de modo que não se detectou a existência de chuva ácida no Uruguai. Ao mesmo tempo, o acordo produziu diversos impactos e melhorias na área da Usina Termelétrica Presidente Médici, das políticas ambientais, que se viu obrigada a adotar medidas para melhorar o seu comportamento ambiental.

⁹ A chuva ácida é consequência da poluição atmosférica. Os gases provenientes da queima de combustíveis reagem com o oxigênio do ar e o vapor de água, transformando-se em ácidos que são depositados na superfície terrestre. Explicação da técnica em química (SILVA, 2021).

concentrações de poluentes atmosféricos (JORNAL MINUANO, 10/06/2020). Já o Jornal Gazeta do Povo, do Estado de São Paulo, publicou que o Ministério Público Federal (MPF) recomendou ao IBAMA que suspendesse as operações das fases (A e B) e anulasse a licença de operação da Fase (C) do Complexo Termelétrico de Candiota com o objetivo de precaver a população de possíveis danos socioambientais (JORNAL GAZETA DO POVO, 09/02/2011).

Para analisar o acirramento desses conflitos entre distintos grupos e interesses sobre a questão da poluição da Usina Presidente Médici em Candiota, a partir dos anos 1980, utilizei nesta pesquisa o conceito de conflito socioambiental. Segundo Paul Little (2006 *apud* MUNIZ, 2009, p. 190), os conflitos socioambientais podem ser definidos como “[...] disputas entre grupos sociais derivados dos distintos tipos de relação que eles mantêm com o seu meio natural”. Ainda segundo o autor, o conceito engloba três perspectivas básicas: o mundo biofísico e seus múltiplos ciclos naturais, o mundo humano e suas estruturas sociais, e o relacionamento dinâmico e interdependente entre esses dois mundos. Utilizo Paul Little para contextualizar no debate as narrativas de percepção da poluição causada pelo carvão dos/as interlocutores/as da pesquisa, integrantes das famílias eletricitárias.

No relato da aposentada, Celina, *“a chaminé da usina I era baixa, caía neve de carvão. Eu limpava os ouvidos e saía carvão, as roupas do varal ficavam duras de carvão”* (Diário de campo, 14/01/2012).

E, no relato de Darlene, filha de eletricitário aposentado:

Aquela poluição da cinza passei muito trabalho com minha filha, o que eu gastava de remédio devido à poluição da cinza, passei muito trabalho. A minha filha tinha alergia a poeira, não podia usar muita coisa em casa, nem tapete, cortina, nem ursinho de pelúcia, era alergia da própria cinza. Graças a Deus que hoje ela está bem sadia, mas depois que saímos de Candiota, quando ela tinha 16 anos, hoje ela está com 29 anos, a minha filha melhorou 100%, Candiota para a minha filha não dava mais, era uma poluição pavorosa, uma alergia, era tosse, o corpo todo embotado, bah, era horrível, olha era muita cinza. Meu pai trabalhou na Usina I e na Usina II (A) e Fase (B) ele morreu de câncer nos pulmões devido à poluição, era muita cinza que tínhamos que lavar o pátio de manhã e à tardinha, era uma poluição horrível (Diário de campo, 23/02/2020).

Ou, ainda, nas palavras do aposentado Alceu:

O pessoal reclamava da poluição quando funcionava a fase (A), tem um material, para captar cinza, esse material puxam os gases com cinza, são colocados na chaminé, tem um processador, tem placas da cinza, a cinza gruda nas placas e saí só o gás, o processo da Fase (A) era péssimo, quando veio a fase (B) melhorou um pouco. As mulheres não conseguiam colocar roupas na corda. Mas mesmo assim a chaminé da fase (B) dava problema no precipitador, a função tem o ventilador de tiragem da usina. Ele puxa um gás e joga na chaminé, segurando a cinza, mas nunca funcionou (Diário de campo, 12/02/2021).

De acordo com o relato da moradora Sra. Gilda, moradora do Dario Lassance e gestora municipal, a alternativa adotada pela empresa foi a de queimar cal, o carvão mineral exigia uma tecnologia de que a usina não dispunha na época. Dessa forma, parte do pó do carvão não era queimado, sendo, assim, liberado um pó preto na atmosfera.

Já houve poluição no passado, eu me lembro do cheiro do enxofre, a fumaça era preta, caía em cima da gente. A fumaça preta era do filó, subproduto do carvão, hoje com filtros modernos, a Fase (C) e a UTE Pampa Sul não há poluição. As próprias paredes das casas na área externa ficavam pretas de carvão, a poeira do carvão. Temos um problema no Dario Lassance onde o carvão é moído, aqui na mina, dependendo da corrente de ar, às vezes tem fuligem. A Companhia Riograndense de Mineração fez plantação de eucaliptos em volta da mina para impedir a poluição causada pelo vento (Diário de campo, 15/01/2020).

Essa narrativa nos dá uma ideia da dimensão da gravidade da poluição proveniente da queima de carvão mineral na vida da população atingida pelo pó preto. O depoimento de Gilda mostra o incômodo causado pela sujeira (pó do minério) nas residências, sendo, inclusive, muito comum a prática de fechamento das janelas das casas para impedir o acúmulo de sujeira dentro das residências, nos bairros e Vilas próximas à usina.

Joana, esposa de aposentado eletricitário, ex-moradora da Vila Residencial, em sua narrativa, se percebe os descontentamentos dos/as moradores/as, principalmente das mulheres, que são atingidos pelo pó do carvão. Nessa narrativa, Joana relata que as donas de casa tinham que estar de “olho” na fumaça, quando a fumaça estava virada para a Vila Residencial tinha que tirar a roupa do varal. “Quando íamos viajar, fechamos toda a casa e colocamos um pano na janela e portas, a gente vivia com a

mangueira na mão para tirar a cinza, era muito gasto de água" (Diário de campo, 22/07/2020).

E, na narrativa de Claudia, filha de aposentado eletricitário e eletricitária aposentada, *"muita cinza caía, tapava tudo, não dava para enxergar nada, quando a cinza virava, aproveitamos para limpar a casa, caía neve de cinza"* (Diário de campo, 12/09/2020).

O cheiro de enxofre pairava no ar, a poeira do carvão mineral das ruas tingia até mesmo as folhas das árvores ali existentes. Segundo Nara, esposa de eletricitário aposentado,

Quando cheguei a Candiota a cidade sofria com a cinza e com a fumaça, às vezes a fumaça era muito escura, às vezes mais clara, às vezes muito densa, mas eu não peguei a época mais difícil que foi na década de 1960 que praticamente não existia filtro era tudo despejado na Vila Residencial (Diário de campo, 21/02/2020).

Segundo os/as próprios/as moradores/as, a dispersão da cinza pela Usina era constante. Para a moradora aposentada eletricitária Celina, o que mais incomodava era a sujeira: *"tem hora que você quer sua casa limpa, né?"*. A casa nunca se mantinha limpa, o que era um transtorno para as donas de casa (Diário de campo, 07/02/2020).

Na fala de Darlene, filha de aposentado eletricitário, que atualmente reside na cidade de Bagé:

Cinza pavorosa, a gente sempre com a mangueira na mão, depois vinha aquela escuridão, uma vez veio um cinzaredo e nada de chuva, uma seca horrível. Teve uma época que veio uma chuva e lavava a frente da casa, era muito difícil sair toda cinza só com mangueira mesmo. A calçada era branca de tanto que eu esfregava com sabão em pó e cloro, para tirar a cinza, era um "caldo branco" que saía da cinza, era janela, era arame, era tudo tapado de cinza, as roupas ficavam duras no arame, quando a cinza virava para a vila Residencial que tristeza (Diário de Campo, 23/02/ 2020).

No relato da filha do eletricitário aposentado, Darlene, a percepção da poluição se dava pelo incômodo causado pela fumaça preta, em razão da sujeira nas residências (Diário de campo, 14/02/2019).

Os/as moradores/as das Vilas Residencial e Operária acostumaram-se à vida permeada pela relação com o carvão. Atualmente, a fumaça é branca pela adição de cal, fator que impacta na percepção da poluição do local.

Observa-se que a população de Candiota convive diariamente com a poluição resultado das atividades do complexo termelétrico, situação que transparece por intermédio do incômodo causado pela sujeira do pó do minério de carvão nas residências e o cheiro de enxofre do aterro sanitário. Entretanto, perdura o silenciamento dos danos ambientais na região e o quanto a poluição afeta a vida dos/as moradores/as locais (LOPES, 2006), como se eles/elas já estivessem acostumados à poluição.

Esse silêncio em relação aos problemas da poluição em Candiota é comum a várias instâncias da vida social, e o importante aqui é evidenciar a especificidade desse posicionamento das famílias eletricitárias. Nesse sentido, conforme Silva (1999, p.131), no texto “Angra I e a Melancolia de uma era”, “[...] a arte do silêncio é a parte da arte da política”. O silêncio como estratégia política, pode ser entendido como desdobramento do discurso. Foi a partir do trabalho etnográfico de observação direta da primeira usina nuclear no Brasil, Angra I e as Vilas Operárias da autora Glaucia Silva, onde se situam questões como: situações de risco, boatos, silêncio, problemas dos turnos de trabalho e famílias operárias. Considerando isso, o objetivo do texto é mostrar parte das questões articulando com as atividades da Usina de Candiota, com a proposta e discussão ao silenciamento aos danos ambientais na região.

Diante da ambiguidade que caracteriza o trabalho em uma usina termelétrica, tanto em termos de risco quanto em termos de benefícios para as famílias eletricitárias, muitos/as aposentados/as com quem conversei afirmaram que “*não é fácil explicar o que ocorre dentro da usina, porque é muito serviço*”. E foi comum os/as filhos/as e as mulheres mencionarem o fato que o marido e o pai são reservados com relação aos assuntos de trabalho. Na narrativa de Eduardo, neto e filho de eletricitários/as, respondeu quando lhe perguntei o que seus pais faziam na Usina: “*eles são eletricitários/as*” (Diário de campo, 04/07/2021).

Nesse sentido, o silêncio é visto pelos/as interlocutores/as como uma tática, remetendo-se a Michel De Certeau (1990), “[...] não tem por lugar senão o do outro. E

por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei e uma força estranha” (DURAN, 2012, p.45 apud CERTEAU, 1990, p.99). Evidencia-se, aqui, o quanto as relações de trabalho, a estrutura organizacional da Usina, perpassam e compõem as relações do cotidiano da família eletricitária. Assim como o cotidiano é pactuado pelo silêncio (TAUSSIG, 2010, p. 37), “[...] diz-se que tal pacto é o aumento de produção, logo, do próprio salário”. No caso, da manutenção da vida das famílias eletricitárias nas Vilas Residencial e Operária, planejada pela Usina, perpetua-se a segregação socioespacial dos trabalhadores nas Vilas.

Os/as moradores/as aposentados/as das Vilas Residencial e Operária acostumaram-se à vida permeada pela relação com o carvão, que apresenta algo de sagrado, pois é determinante para a identidade de eletricitário/as, operador da Usina Presidente Médici. Conforme Adriana Peñafiel (2017), “a lógica é das relações [...], mas para parte das pessoas os sucessos são relativos a modo de submeter tal relação e criar laços, pactuar” (PEÑAFIEL, 2017, p. 125).

Observa-se, entretanto, que os pactos obedecem a temporalidade da Usina, da implantação do complexo termelétrico em Candiota. O processo de privatização da usina para o capital chinês, com o leilão dos imóveis residenciais, delineiam o fim de um ciclo com a desativação das fases (A e B) da Usina Presidente Médici.

E, decorrente desse processo, tem-se o esvaziamento das Vilas Residencial e Operária, figurando a dinâmica de uma cidade que se formou à margem da Usina. Neste momento, por vezes, os/as próprios/as moradores/as percebem que estão “desinformados”, porque não lhes cabe o poder de decisão sobre os acontecimentos nas Vilas Residencial e Operária.

Nas palavras de André, neto de aposentados eletricitários, “*o leilão das casas, onde gerou essa tensão, fomos pegos de surpresa*” (Diário de campo, 01/07/2021). As famílias que residem nas Vilas Residencial e Operária correm o risco de perder suas moradias, por conta da privatização da Eletrobras e o leilão das casas. Na narrativa de André, o leilão das casas é a consequência da privatização da usina.

Eu estou na comissão, temos apoio da Prefeitura e Defensoria Pública e vamos conversar com o Antonio Carlos Nascimento Krieger, Presidente da Eletrobras, para começar a negociação e levar as propostas mais concretas acreditando na

revogação do edital. Hoje os/as moradores/as não têm vínculo com a usina, são poucos os trabalhadores/as da Companhia (Diário de campo, 01/07/2021).

Letícia esposa de Eduardo, diz *“que, na reunião presidencial, com o presidente da Eletrobras Eletrosul, General Antonio Carlos Nascimento Krieger, este não prometeu que iria suspender o leilão. Nós moradores/as estamos questionando os valores que são muito altos”*(Diário de campo, 04/07/2021).

Considerações Finais

Há mais ou menos 60 anos, os/as primeiros/as funcionários/as da usina eram atraídos pela possibilidade de ascenderem profissionalmente e economicamente. A atividade termelétrica associada à Usina, que começava a surgir na região de Candiota, era uma fonte de prestígio, mesmo aos olhos daqueles/as que não sabiam ao certo do que se tratava, como relatou a aposentada eletricitária Celina. Os/as primeiros/as profissionais que ingressaram na usina afirmaram que a maioria deles não tinha noção do que fosse uma usina termelétrica (Diário de campo 07/01/2020).

A dinâmica da cidade de Candiota está atrelada ao funcionamento das usinas, salientando a hierarquização industrial na dimensão urbana. A Vila Residencial, localizada próximo à usina, é destinada aos funcionários que exerciam atividades dentro da Usina. Já a Vila Operária, a 13km da Usina, planejada para os/as funcionários/as que exerciam atividades da obra da Usina. Ao longo do trabalho de campo, procurei demonstrar que a Usina Termelétrica Presidente Médici (UTPM) produziu um espaço urbanizado com característica de cidade polinucleada (SANTOS, 2008), com todos os problemas de infraestrutura urbana herdados pelo poder público conforme o processo de implantação do sistema.

A cidade, ao ser planejada como extensão da estrutura hierarquizada de poder da Companhia, promoveu uma segregação urbana e socioespacial da massa trabalhadora nas Vilas Residencial e Operária. Conforme Santos (2008, p. 386), essa característica mencionada sobre a cidade polinucleada é marcada por uma centralidade que se reproduz através de conflitos de interesses, sobre a produção e o consumo do espaço econômico. No entanto, ao mesmo tempo, essas Vilas contribuíram para desenvolver um sentimento de identidade e pertencimento que se estendia da usina ao local de moradia. Muitos/as dos/as antigos/as ex-trabalhadores/as ainda moram nas Vilas Residencial e Operária e, em sua maioria, falam positivamente, referindo-se às melhorias de vida obtidas com o passar dos anos.

Essas narrativas apresentam ambiguidades, considerando os riscos de acidente no complexo e os problemas ambientais de viver na cidade. Nesses termos, remetemos às memórias subterrâneas e aos pactos de silêncio vividos pelas famílias na relação com a usina. Observei que a população candiotense convive diariamente com a emissão de gases na atmosfera emitidos pela Usina, situação que transparece por intermédio do incômodo causado pela sujeira do pó do minério de carvão nas residências. Atualmente, a população está sendo impactada por odores provenientes do aterro sanitário localizado no Dario Lassance. Entretanto, tem-se o silenciamento dos danos ambientais na região e o quanto a poluição afeta a vida dos/as moradores/as do lugar como se estes já “estivessem acostumados à fumaça”.

A fumaça da usina é mais associada à ideia positiva de progresso, à geração de emprego, do que à ideia negativa de poluição. Segundo o antropólogo Michael Taussig (2010), o sistema capitalista está pelo seu avesso, em sua percepção do impacto de suas relações produtivas por parte de grupos. Definitivamente, as transformações pelas quais passava a cidade de Candiota traziam em seu seio todas as contradições da sociedade moderna que o capitalismo gera.

A Usina interfere diretamente no cotidiano das famílias dos/as eletricitários/as que moram nas Vilas Residencial e Operária, pois o projeto das casas/vilas foi elaborado pela Usina, que também administrava as redes de educação, sociabilidade e lazer e serviços urbanos, por meio do assistencialismo à/aos funcionários/as. As usinas termelétricas têm autorização de operação de 20 a 25 anos. Nesse sentido, o habitar Candiota pelas famílias eletricitárias segue a mesma dinâmica. A desativação das Fases (A e B) da Usina, ocorrida em 2018, se reduplica na vida dos/as eletricitários/as aposentados/as e de suas famílias. A Usina, o trabalho na Usina e o morar nas Vilas Operárias presidem a construção social da identidade do grupo (ECKERT, 2012, p.15). Essa identidade que é construída e valorada pela rotina do trabalho e pela rede de sociabilidade.

No momento atual, os/as moradores/as manifestaram a preocupação de que as Vilas Residencial e Operária podem virar uma “cidade fantasma” em decorrência do leilão dos imóveis residenciais, com a privatização em curso da Usina Presidente Médici Fase (C). Vivem o término do habitar as Vilas Residencial e Operária no momento da

aposentadoria, afetando os projetos de vida das famílias e suas expectativas para o futuro. Este estudo antropológico realizado entre os grupos de eletricitários/as, aposentados/ e seus familiares, na cidade de Candiota, demonstrou que as relações com o tempo vivido vão, através da sua duração e permanência, configurando as suas relações com a cidade na qual habitam.

Contudo, conforme o Engenheiro Otávio da Companhia Riograndense de Mineração: *“A população reclama um pouco, mas querem sim a mineração. Todo mundo quer, se vier uma empresa privada, vai minerar e vai gerar emprego. Na Rússia, onde tem carvão eles mudam uma cidade inteira, na China não é a mineração que se curva para a expansão urbana. Se descobrir a possibilidade de mineração boa em Candiota, a gente tira a cidade e constrói outra em outro lugar”* (Diário de Campo, março de 2019).

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA Domínio. **Da teoria à prática: aterro sanitário de Candiota como instrumento de ensino.** Tribuna do Pampa. Candiota, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.tribunadopampa.com.br/da-teoria-pratica-aterro-sanitario-de-candiota-como-instrumento-de-ensino/>. Acesso em: 07 mar. 2021.

AGÊNCIA Domínio. **Diante de reclamações, Secretaria de Meio Ambiente de Candiota verifica condições do aterro sanitário.** Tribuna do Pampa. Candiota, 09 fev. 2019. Disponível em: <https://www.tribunadopampa.com.br/diante-de-reclamacoes-secretaria-de-meio-ambiente-de-candiota-verifica-condicoes-do-aterro-sanitario/>. Acesso em: 07 mar. 2021.

AGÊNCIA Estado. **MPF pede ao Ibama suspensão de licença para Candiota.** Gazeta do Povo, São Paulo, 09 fev. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/mpf-pede-ao-ibama-suspensao-de-licenca-para-candiota-d54y6u60j4ydm2wk6wtuddopa/>. Acesso em: 26 dez. 2020.

AGÊNCIA Nacional de Energia Elétrica (Brasil). **Atlas de Energia Elétrica do Brasil.** 2002. Online. Disponível em: http://www2.aneel.gov.br/arquivos/pdf/livro_atlas.pdf. Acesso em: 04 jul. 2019.

AGIER, M. **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos.** São Paulo: Cordeiro, 2011. p.31-132.

BARCELLOS, S. B.; VAZ, D.; PINHEIRO, P. dos S. Os debates sobre a mineração no Bioma Pampa: conflitos socioambientais em meio a projetos locais de vida. **Revista Novos Cadernos Amazônicos.** Periódicos UFPA, Pará, v. 21, n. 2, p. 33-56, maio-ago. 2018. ISSN 1516-6481 / 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/artic le/view/5275>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1719.

BRASIL. **Decreto nº 36.895, de 8 de fevereiro de 1955.** Declara de utilidade pública, para efeito de desapropriação pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro, áreas de terrenos e respectivas benfeitorias, no Município de Bagé e Pinheiro Machado, Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-36895-8-fevereiro-1955-330433-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 20 maio 2021.

CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu**: questões, instrumentos, casos exemplares. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CALVINO, ITALO. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.

CARVALHO, A. L. da R.; ECKERT, C. **Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica**: Etnografia da Duração. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

CARVALHO, STEIL. O pensamento ecológico de Tim Ingold. **Anuário de Antropologia Social y Cultural en Uruguay**, v.10, 2012.

CENTENO, A. **Carvão, energia e trabalho**: Candiota 50 anos. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2011.

CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**: 1 As artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CENTRO da Memória da Eletricidade no Brasil. **Candiota**, 40 anos de eletricidade a carvão. Rio de Janeiro: Memória da Eletricidade, 2001. 104 p.

CGTE ELETROSUL (Santa Catarina). **Geração**. Disponível em: <http://www.cgteletrosul.gov.br/nosso-negocio/geracao/candiota>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DIÁRIO Popular. **Famílias podem perder moradia em Candiota**. Pelotas, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/zona-sul/familias-podem-perder-moradia-em-candiota-162800/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

DURAN, Marília Claret Geraes. Uma leitura do cotidiano escolar com Michel De Certeau. **International Studies on Law Education**. 12 set-dez, 2012.

ECKERT, C. Memória e Identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La Grand - Combe, França). **Cadernos de Antropologia**, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

ECKERT, C.; CARVALHO, A. L. da R. Etnografia da Duração nas Cidades em suas Consolidações Temporais. **Política e trabalho: revista de ciências sociais**, João Pessoa, n. 34, p. 107-126, abr. 2011.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Etnografia da Duração**: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas. 1. ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana. **Revista Iluminuras**, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003.

ELETROBRAS. **Principais Linhas de Transmissão Sistema Eletrobras**. dez. 2018. Disponível em: <https://eletrobras.com/pt/AreasdeAtuacao/Mapa%20Principais%20Linhas%20de%20Transmiss%C3%A3o%20-%20Sistema%20Eletrobras%20-%202018.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

EMPRESA de Pesquisa Energética (Brasil). **Balanço Energético Nacional 2015**: Ano base 2014. Rio de Janeiro: EPE, 2015. Disponível em: <https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-127/topico-97/Relat%C3%B3rio%20Final%202015.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

FONSECA, C. O anonimato no texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia feita em casa. **Teoria e Cultura**. Juiz de Fora, v. 2, n. 1-2, p. 39-53, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

G1 RS. **Usina de Candiota desativa Fase B por descumprir acordo com Ibama**. 01 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/usina-de-candiota-desativa-fase-b-por-descumprir-acordo-com-ibama.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Seival Estações Rodoviárias Rio Grande do Sul**. 2018. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/seival.htm. Acesso em: 26 jul. 2021.

IBGE. **Histórico da cidade de Candiota**. 2019. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/candiota.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 44, p. 21- 36, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0021.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado/RS (IPHAÉ/RS). **Bem tombado**: Candiota I. 2013. Online. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=47601>. Acesso em: 25 maio 2019.

JORNAL Minuano. **Sistemas de monitoramento da qualidade do ar apontam boas condições na Campanha**. Bagé, 10 jun. 2019. Disponível em: <http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2019/06/10/sistemas-de-monitoramento-da-qualidade-do-ar-apontam-boas-condicoes-na-campanha>. Acesso em: 26 dez. 2020.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando Cidades. **Sociologia e Antropologia**, v. 2, n. 4, p. 295-314, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v2n4/2238-3875-sant-02-04-0295.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LIMA, Carlos Taylor Souza. **Candiota**: terra de riquezas, lutas e conquistas. Porto Alegre: Renascença, 2016b. 395 p.

LITTLE, Paul E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v.12, n. 25, p. 85-103, 2006.

LOPES, J. S. L. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade**. Brasília: Marco Zero e UNB, 1988. 624 p.

LOPES, J. S. L. Sobre os processos de ambientalização dos conflitos e sobre dilemas de participação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 31-64, dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a03v1225.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2019.

LOUÇAN, Melissa. **Moradores de Candiota esperam negociação com CGT Eletrosul para continuar a viver em suas residências**. Jornal Minuano. Bagé, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2021/07/22/moradores-de-candiota-esperam-negociacao-com-cgt-eletrosul-para-continuar-a-viver-em-suas-residencias>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11 – 29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo> Acesso em: 15 ago. 2019.

NET, Maps. CGT Candeeiro do Pago. 2021. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://maps123.net/en/BR/ctg-candeeiro-do-pago-p1721820&sa=D&source=editors&ust=1630300167326000&usg=AOvVaw3IFNJat-69i_aHnLOTw92H. Acesso em: 24 jun. 2021.

MALINOWSKI, B. Introdução. In: MALINOWSKI, B. (Ed.). **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MINISTÉRIO do Meio Ambiente. **Biomass**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomass/pampa>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MOLIN, N. D. **Candiota**: Origem e História. Porto Alegre: Tchê!, 1994.

MOMO, Nadiane. **Seival**: Passado e Memórias. Santa Maria: Palloti, 2015. 200 p.

MUNIZ, L. M. Ecologia Política: o campo de estudo dos conflitos sócio-ambientais. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 6, n. 12, p. 181-196. 2009.

MUZA, Jaqueline. **CGT Eletrosul leiloará imóveis da Vila Residencial e Operária em Candiota**. Jornal Minuano. Bagé, 19 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2021/06/19/cgt-eletrosul-leiloara-imoveis-da-vila-residencial-e-operaria-em-candiota>. Acesso em: 06 ago. 2021.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista Antropológica**, USP, São Paulo, v. 39, n. 1, 2006. Disponível em:

https://www.academia.edu/39519985/OLIVEIRA_Roberto_Cardoso_de_O_trabalho_do_antropologo_livro_completo_1_. Acesso em: 03 mar. 2019.

MOREIRA JÚNIOR, O. Segregação urbana em cidades pequenas: algumas considerações a partir das escalas intra e interurbana. **R. RA'E GA**, Editora UFPR, Curitiba., n. 20, p. 133-142, 2010.

PAULA, F. M. de A.; MALHEIROS, I. P.; LIMA, L. O. de. Centralidade Polinucleada: uma análise dos subcentros populares de Goiânia – o caso do Setor Vila Nova. In: Seminário de Iniciação Científica da UEG, 4.; 2006, Anápolis. **Anais em CD ROM do IV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás** – 05 de outubro – UEG/Anápolis – GO.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. Online. Disponível em: http://marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf. Acesso em: 02 mar. 2019.

PEÑAFIEL, A. P. P. Da mina de Socavão à mina a céu aberto: os novos pactos no caso do centro de mineração de Hualgayoc, Cajamarca, Peru. Dossiê Extrativismo mineral: estratégias, impactos e conflitos. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 5, n. 1, p. 115-135, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6230518>. Acesso em: 17 set. 2020.

PEREIRA, V. C. **O Rural e o Carvão**: Representações sociais em Candiota-RS. 2013. 168 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71734/000880686.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 mar. 2019.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

PLANO NACIONAL DE ENERGIA. <<https://www.epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/plano-nacional-de-energia-pne>> Acesso: 13/08/2020.

PLANO Participativo Candiota/RS. **Candiota**: Urcamp, 2017.

PRATI, André. **Candiota** – Minas de Carvão – início século XX. Prati, 05 ago. 2017. Disponível em: <https://prati.com.br/candiota/candiota-minas-de-carvao-inicio-seculo-xx.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

PREFEITURA Municipal de Candiota. **Município de Candiota**. Disponível em: candiota.rs.gov.br. Acesso: 12 mar. 2019.

REDAÇÃO TP. **Cal para usina**. Candiota, 19 jul. 2016. Disponível em: <https://www.tribunadopampa.com.br/cal-para-usina/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

REDAÇÃO TP. **Entidades tradicionalistas são a essência da Semana Farroupilha**. Tribuna do Pampa. Candiota, 14 set. 2018. Disponível em: <https://www.tribunadopampa.com.br/entidades-tradicionalistas-sao-a-essencia-da-semana-farroupilha/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. In: ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. (Ed.). **Etnografia da Duração**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013. p. 105-127.

RÓTULO, D. **Negociação e Implementação de Acordos de Poluição Transfronteiriça**: O caso Brasil-Uruguai em Relação à Termelétrica de Candiota (RS). 2003. 407 p. Tese (Doutorado em Administração) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3270/TeseROTULO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 jan. 2019.

SAMAIN, E. Belinese character (re)visitado: uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead. In: ALVES, A. **Os argonautas do mangue**. Campinas: Unicamp, Imprensa Oficial, 2004, p. 15-72.

SANTOS, Janio. **A cidade poli (multi)nucleada**: a reestruturação do espaço urbano em Salvador. 2008. 403p. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SARAIVA, Jossicar. CORREIO do Povo. **Aterro Sanitário substitui antigo lixão, em Candiota**. Correio do Povo, 11 maio 2011. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/aterro-sanit%C3%A1rio-substitui-antigo-lix%C3%A3o-em-candiota-1.61873>. Acesso em: 16 ago.2021.

SECRETARIA de Minas e Energia (Rio Grande do Sul). **Mineração no Rio Grande do Sul**: diagnóstico setorial e visão de futuro. Porto Alegre: Secretaria de Minas e Energia, 2018. v. 1.

SILVA, G. O. da. **Angra I e a melancolia de uma era**: um estudo sobre a construção social do risco. 1 ed. Série Antropologia e Ciência Política, v. 23. Rio de Janeiro: Eduff, 1999. 284 p. ISBN: 85-228-0280-7.

SILVA, Rosilene Oliveira. **Roda de Memória Usina Termelétrica Candiota I – Usina Velha: contribuição à história do patrimônio industrial de Candiota/RS**. 2018. 106 p. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

TAUSSIG, M. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. São Paulo: UNESP, 2010.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.